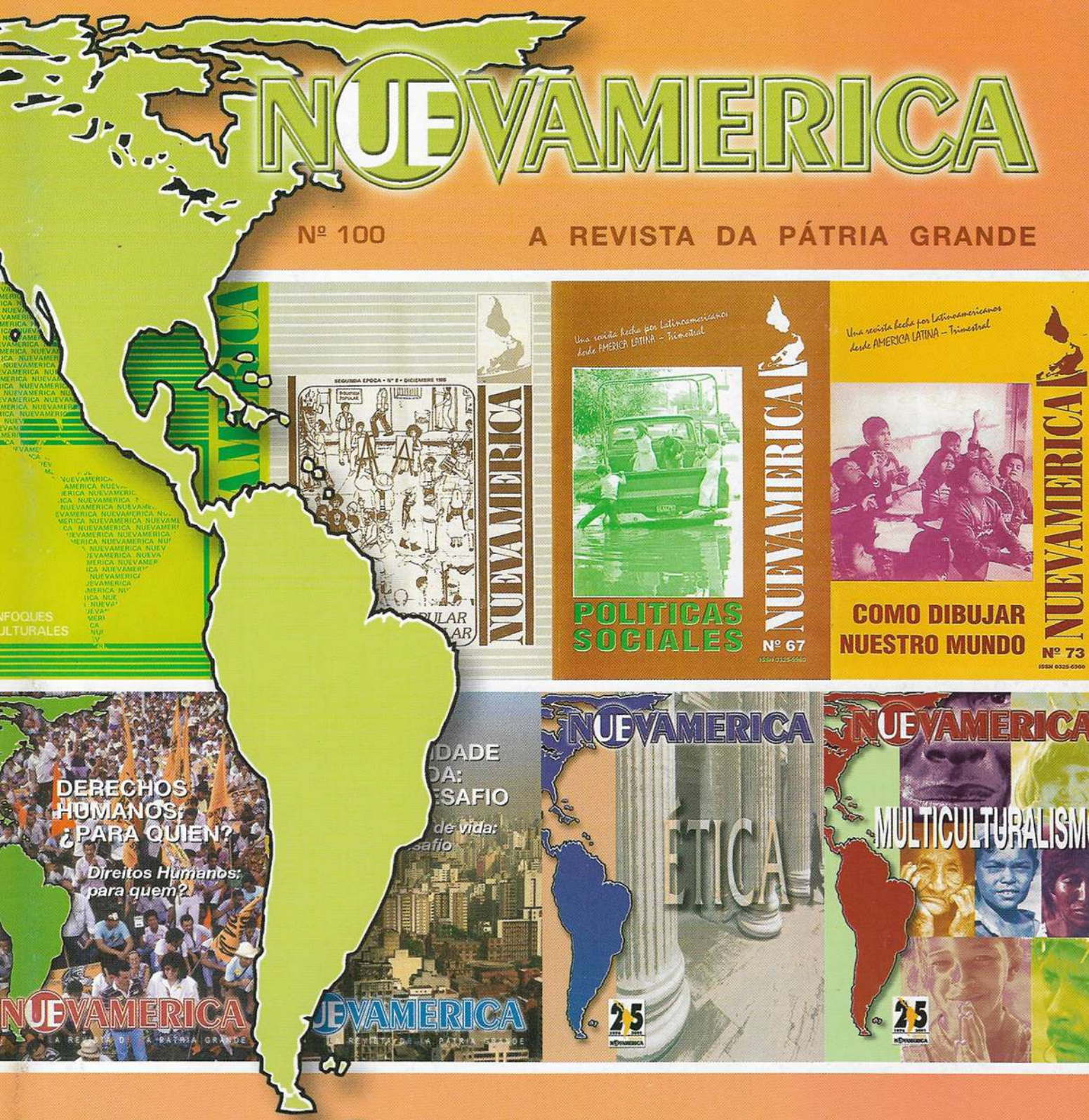
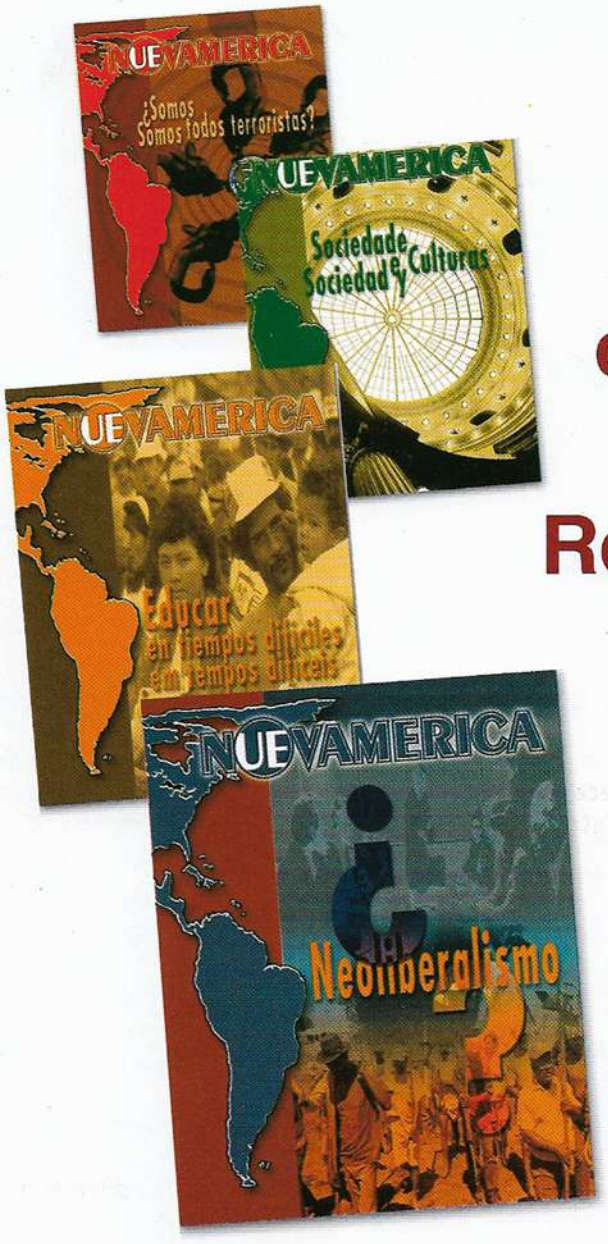
NUEVAMERICA

Nº 100 A REVISTA DA PÁTRIA GRANDE



Memória e Projeto

NOVAMERICA



Nesta edição, estamos celebrando 100 números da Revista Novamerica e você é o nosso maior incentivo.

Continue sendo um LEITOR ATIVO.

Sua participação é muito importante para nós.

Faça contato

www.novamerica.org.br



Editorial

Memória e Projeto

Construir uma revista que nasce de uma paixão, de uma utopia: o sonho de Bolivar, a "Pátria Grande", a "Abya Yala" indígena, é uma aventura apaixonante... Desde 1976 este é o sonho que alimenta a revista **Nuevamerica/Novamerica** que com esta edição especial completa 100 números.

Ao longo destes anos, nossa revista manteve sempre viva sua preocupação fundamental de colaborar para o desenvolvimento de uma consciência latino-americana, a afirmação da democracia e a construção de uma rede de comunicação, elaboração de pensamento e solidariedade.

Desde os anos duros das ditaduras presentes no continente, que ainda hoje deixam sentir suas marcas e a dor das feridas abertas, o seu compromisso com a liberdade de pensamento, de palavra, dos direitos humanos e a valorização das diferentes vozes que compõem a sinfonia sócio-cultural latino-americana tem constituído um dos seus alicerces básicos.

No período de (re)democratização de muitos dos nossos países, vivido principalmente nos anos 80, contribuiu com idéias, pensamento e socialização de experiências, para a conquista e ampliação de uma cidadania ativa e participativa, capaz de reforçar a sociedade civil organizada e a luta contra todas as formas de opressão e exclusão.

A partir dos anos 90, o impacto dos processos de globalização, das novas tecnologias, assim como das políticas neoliberais reforçou a desigualdade social e os fenômenos de pobreza e miséria estruturalmente presentes ao longo de toda a história latino-americana. Neste contexto, o desafio de buscar novas alternativas e de apoiar os grupos e movimentos comprometidos nesta direção se fez especialmente urgente. **Nuevamerica/Novamerica** se empenhou e continua firme nesta caminhada.

O Fórum Social Mundial, que nasce no Brasil, adquire progressivamente especial importância como espaço privilegiado de articulação no plano mundial, continental e local, das lutas pela construção de um projeto contra-hegemônico sintetizado na afirmação de que *"Um outro mundo é possível"*. Assumimos esta perspectiva por considerá-la potenciadora dos processos de humanização, justiça social e de uma globalização solidária.

A integração latino-americana tem sido uma de nossas preocupações permanentes. Uma integração que não se limite aos aspectos econômicos, por mais importantes e necessários que sejam. Articular economia e cultura, política e ética, ecologia e desenvolvimento, igualdade e diferença são aspectos imprescindíveis na perspectiva que queremos afirmar.

Somos conscientes de que neste processo a educação ocupa um espaço importante. Não só a educação escolar, como todas as demais formas de educação não formal. Apostamos na necessidade de se reinventar a escola. Nossos povos, nossas crianças e jovens urgem uma escola sintonizada com suas necessidades, com suas identidades culturais, que favoreça processos de conhecimento, formação de sujeitos e construção de cidadania, assim como compromissos éticos e abertura à transcendência. Reconhecer a enorme riqueza das experiências de educação popular desenvolvidas nos diferentes países do continente e suas contribuições à afirmação da sociedade civil organizada é outro elemento fundamental.

O caráter multicultural do continente latino-americano, com toda a sua riqueza de expressões, identidades e etnias, constitui um universo de tradições, conhecimentos, arte e práticas sociais que nos configuram. Reconhecê-las, valorizá-las, apoiá-las através de políticas públicas pertinentes são exigências ineludíveis. Nesta perspectiva, as culturas indígenas e afro-descendentes ocupam um lugar privilegiado.

A "Pátria Grande" se constrói no dia a dia. Por diferentes atores. Libertadores e mártires. Trabalhadores e artistas. Militantes e rezadores. Mulheres e homens. Educadores e agricultores. Operários e donas de casa. Executivos e políticos. Economistas e músicos... Tod@s são/somos protagonistas.

Neste número **Memória e Projeto** se entrelaçam. Através de diferentes temas queremos resgatar o caminho percorrido, assinalar continuidades, rupturas, novos desafios e perspectivas de futuro. Nele convidamos a diferentes pessoas que têm participado deste processo a assinalar o que consideravam mais significativo da trajetória da revista neste período.

Nuevamerica/Novamerica constitui uma elaboração em rede, um tecido coletivo. Ao longo destes 100 números muitas foram as vozes, as mãos, as mentes e os corações que empenharam suas energias nesta aventura. Autores e assinantes, em parceria, são os seus principais construtores. A tod@s queremos agradecer. Continuamos contando com suas energias, sonhos e utopia de uma NUEVAMERICA/NOVAMERICA.

Equipe de Redação

CONSELHO CONSULTIVO INTERNACIONAL 2002-2003

Argentina *Néstor Borri e Claudia Villamayor*
Bolívia *Juan Mari Lois e Fernando Andrade*
Brasil *Sônia Kramer e Maria da Glória Gohn*
Chile *Ricardo Florentino Salas Astraín e Cristian Parker Gumucio*
México *María Ángeles López García e Emilio Álvarez Icaza Longoria*
Peru *Marcial Rubio Correa e Vicente Santuc, sj.*
Uruguai *Verónica Abreo*

É POSSÍVEL ASSINÁ-LA OU ADQUIRI-LA EM:

Argentina: *Elena Picasso*
Moreno 935 3560 - Reconquista - Santa Fe Tel: 03482-421794
E-mail: elenapicasso@ciudad.com.ar

Bolívia: *Rina López*
Calle Aureleo Meléan 753, Casilla 2419
Cochabamba Tel/Fax: /4/231851
E-mail:rilov@supernet.com.bo

Brasil: *Cecilia Botana*
Rua 19 de Fevereiro, 160, Botafogo
Rio de Janeiro - RJ Cep: 22.280-030
Tel/Fax: 021 2295-8033/2542-6244
E-mail: novamerica@novamerica.org.br

Chile: *María Inés Wuth*
Vergara 174, Santiago 3
Tel: /2/6966880 Fax: /2/6988844
E-mail: poveda@interaccess.cl

Colombia: *Consuelo Vélez*
Avda. Caracas 41-44 Apto.503
Santafé de Bogotá - Colombia
Tel: /1/ 2327179
E-mail: ccaro@multiphone.net.co

Europa, Ásia, África y Estados Unidos: *María Isabel Ruiz*
Calle Francisco Silvela, 52, 8° B
28028 - Madrid Tel: /34/9 1/ 573-3539

María del Carmen López
Calle Regalado, n° 13, piso 10
47002 Valladolid
E-mail: mcarlopez@terra.es

Guatemala: Blanca Fuentes
6ª Calle 2-42 zona 1
01001 Guatemala
Tel: /502/232 3388 Fax: 323 5261
E-mail: itguat@terra.com.gt

México: *Henriqueta Castro Hernández*
Dr Vértiz 153 Col. Doctores Delegación
Cuauhtémoc C.P. 06720 México DF
Tel: 55786511/55786514
E-mail: quetos@avantel.net

Maribel Apaez Fajardo
Tel: 55781146/55786519

Perú: *Fabíola Luna*
Plaza de la Bandera 125 - Pueblo Libre
Lima 21 - Perú Tel: /1/ 4632252
E-mail: fabiolamoon@hotmail.com

República Dominicana: *Aidée Santos*
2 n°. 9 A – Urbanización La Lotería
Santiago de los Caballeros Tel. 587 9540
E-mail: cenide99_1999@yahoo.es

Centro Cultural Poveda
Pina 210 A - Ciudad Nueva
Santo Domingo D.N.
Fone: /809/6895689 - 6854635
E-mail: ctro.poveda@codetel.net.do

Uruguay: *María Camino Trapero*
Pascual Costa 3265 ap. 810
Parque Posadas 11.700 - Montevideo
Tel: /2/ 3360027
E-mail: ctrapero@adinet.com.uy

Silvia Rivero - Vizconde de Maria 669
Paysandú, Tel: /72/25897

Rosario Alves - Lindoro Forteza 2496
Código postal: 11400 - Montevideo
Tel: /2/5083395
E-mail: rosal2@adinet.com.uy

Venezuela: *María Gorette Rodríguez Fernández*
De Platanal a Desamparados,
Edif. Platanal 37, Piso 1°, Apto 1ª
La Candelaria, 1001, Caracas 1011
Tel: 212/4621823 e 04166359574
E-mail: gore23@telcel.net.ve

REVISTA NOVAMERICA
NUEVAMERICA

Diretora
Susana Beatriz Sacavino

Conselho Editorial
Argentina - Elena Picasso
Bolívia - Rina López
Brasil - Brenda Carranza
Chile - María Inés Wuth
Peru - Fabiola Luna
Uruguai - Rosario Alves
México - Enriqueta Castro Hernández

Comitê Técnico
Ana Waleska P. Mendonça
Janett Ramirez
Susana Beatriz Sacavino
Vera Maria F. Candau

Coordenação Editorial e Supervisão Gráfica
Adélia M.ª Nehme Simão e Koff

Tradução
Cecilia Botana
Jacqueline Paullier
Sieni Maria Campos

Revisão
Adélia M.ª Nehme Simão e Koff
Sílvia Alicia Martínez

Colaboração
Cláudio Marques

Assistente de Marketing
Jacqueline Paullier

Secretária
Cecilia Botana

Administração
Jayme da Silva Corrêa Filho

Projeto Gráfico e Programação Visual
Rodolpho Oliva

Logomarca da Capa
Néstor Sacavino

Fotolito - RR Donelley
Impressão - Gráfica Zit

NOVAMERICA
Rua 19 de Fevereiro, 160, Botafogo
Rio de Janeiro, Brasil CEP: 22280 -030
Tel./Fax: (021) 2542-6244/2295-8033
E-mail: novamerica@novamerica.org.br
www.novamerica.org.br

A direção da revista não se responsabiliza pelas opiniões disseminadas nos artigos.

Publicação indexada em CLASE

Apoio

fundación santa maría — *Espanha*

I·N·T·E·R cultural — *Brasil*

Sumário

Democracia e Política: Dois pesos numa mesma balança
Marcelo Andrade de Souza - Brasil



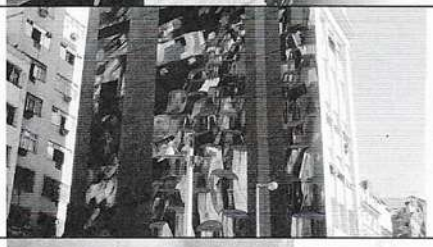
4

Integração Latino-Americana, Dívida Externa e Movimentos Sociais
Yolanda Cecilia Villalva Garcia - México



18

Arte, Expressão Cultural e Identidade
Mary Larrosa - Uruguai



29

Educação em revista
Carmen Teresa Gabriel e Vera Maria Candau - Brasil



30

Compromisso com a Eqüidade!!!
Angeles Lopez - México



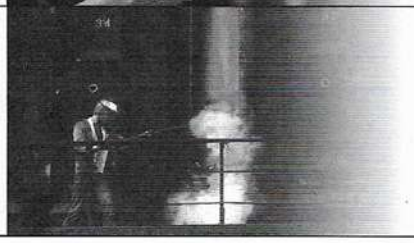
38

Com um ouvido no Deus dos povos e outro nos povos de Deus
Mary Larrosa - Uruguai



42

Ética, Globalização Econômica e Desenvolvimento Humano
Maria Inés Wuth - Chile



50

DEMOCRACIA

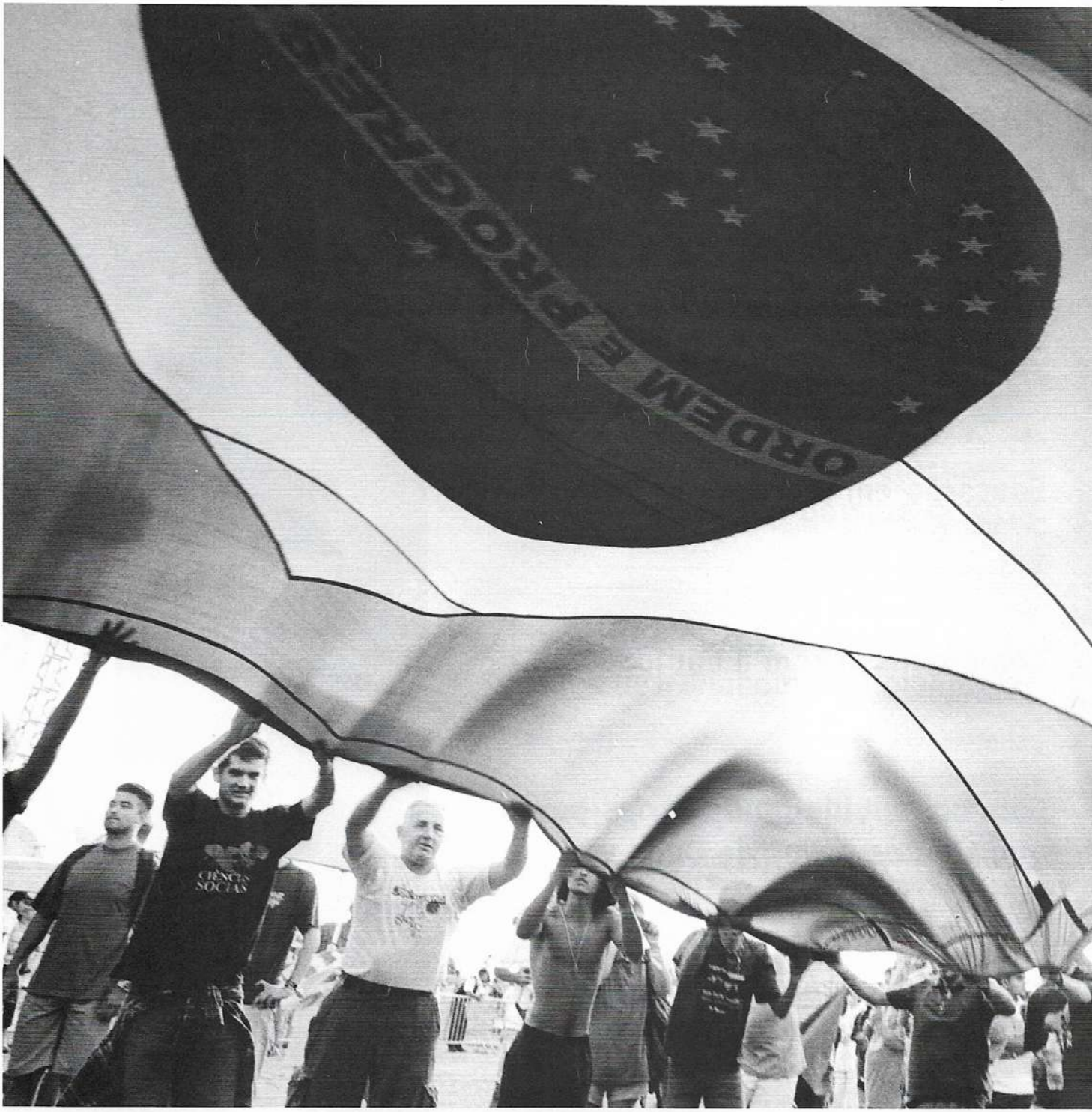


Foto João Ripper

E POLÍTICA: Dois pesos numa mesma balança

Marcelo Andrade de Souza[1]
Brasil

Releitura da temática Democracia e Política presente nos 99 números da Revista Novamerica. "Balanço" crítico dos numerosos editoriais, documentos, notícias e, principalmente, artigos e entrevistas, num movimento de avaliação que assinala equilíbrios e confrontos entre esses dois temas. Pretende-se contribuir para uma compreensão da problemática latino-americana desde a ótica privilegiada por Novamerica.

Para que serve uma balança? E o que ela representa em nosso imaginário social? Sabemos que uma balança funciona como instrumento para determinar pesos, mas pode também significar equilíbrio, prudência, moderação ou, até mesmo, confrontos e comparações. Pois bem, a partir da imagem da balança e dos pesos que podem compô-la para o exercício de mensuração queremos apresentar uma releitura da temática Democracia e Política presente nos 99 números da Revista Novamerica, nos seus 27 anos de circulação. Neste sentido, este artigo tem como objetivo apresentar um *"balanço"* crítico da temática, ou

seja, um movimento de avaliação, percebendo equilíbrios e confrontos entre esses dois pesos.

A fim de realizar este balanço, foram selecionados para análise 132 textos que se enquadravam dentro da temática em questão. Foram analisados 11 editoriais e apresentações, 11 documentos[2], 12 entrevistas, 16 notícias e relatos de experiência e 82 artigos assinados por diferentes autores. Em nossa análise, consideramos principalmente os artigos, por constituírem o material mais numeroso, como também as entrevistas, por apresentarem uma contribuição significativa para o entendimento do tema a partir do material selecionado.

Sendo assim, artigos e entrevistas foram discriminados em seis categorias, que, sem dúvida alguma, estão relacionadas entre si. As categorias definidas a partir da leitura do material são as seguintes: (1) Política, Poder e Estado; (2) Política e Ética; (3) Direitos Humanos e Cidadania; (4) Sociedade Civil e Movimentos Sociais; (5) Globalização, Neoliberalismo e Exclusão Social e (6) Democracia e Integração Latino-Americana.

A seguir, vamos colocar essas seis categorias na balança, privilegiando uma análise que identifique equilíbrios e confrontos na temática, a fim de contribuir para uma compreensão da problemática latino-americana a partir da ótica privilegiada pela revista.

1 – POLÍTICA, PODER E ESTADO

Coloquemos, então, nossa balança para funcionar: qual tem sido o papel do Estado no continente latino-americano? Autoritário? Regulador? Incompetente? E a quem as políticas públicas estão dirigidas? São igualitárias e universalistas ou atendem a uns e a outros excluem? E o poder, como é exercido entre nós? Qual tem sido o papel dos partidos políticos, da mídia, dos governos populares ou das organizações de atuação local? Estas e outras questões, envolvendo uma ampla reflexão sobre Política, Poder e Estado, estiveram presentes na Revista Novamerica em especial no período que vai de 1991 a 2001.

Em artigo intitulado *"América Latina: Estado y sociedad en la encrucijada"*, Marcia Rivera (1991) faz um balanço dos anos 80 apontando para a superação do Estado autoritário e, ao mesmo tempo, para o endividamento dos países no continente. Redemocratização, com queda do produto médio por habitante e inflação a 1.000%. É interessante notar que a autora já apontava, no início dos anos 90, para o perigo das receitas do liberalismo econômico, que desprestigiam as políticas sociais em detrimento de uma lógica de mercado: *"el caos societal, donde el Estado demuestra incapacidad para hacer frente y resolver los problemas de la sociedad y queda completamente desestructurado"*.

Qual tem sido o papel do Estado no continente latino-americano? Autoritário? Regulador? Incompetente? E a quem as políticas públicas estão dirigidas?

A receita de reforma do Estado na lógica neoliberal também é alvo da crítica de Norbert Lechner (1993). O autor reconhece que *"el Estado ha sido tradicionalmente la principal instancia organizadora de la vida social"*, mas que, no entanto, as reformas propostas estavam desresponsabilizando-o desta tarefa. Questões como a descentralização do poder, a organização do poder local e a privatização dos serviços básicos como eixo da tensão entre sociedade e Estado, surgem com força entre os articulistas no decorrer dos anos 90, o que comprovamos no artigo de Jorge Ferrando (1995).

Segundo Raúl González (1995), o papel desempenhado pelas ONG´s é fundamental nesta relação de poder entre Estado e sociedade, pois elas têm sido um referente estratégico de cobranças do cumprimento das políticas públicas e também propositoras e executoras de políticas públicas básicas, tais como: moradia, saúde e educação.

Elena Picasso (1998) apontava para as conseqüências deste modelo de Estado, supostamente regulador do mercado, no contexto das políticas neoliberais hegemônicas: *"el Estado en su retirada ha dejado libradas a su suerte amplias capas de la población que no encuentran lugar en el nuevo paradigma del dessarrollo"*. A autora desvela a problemática do Estado dito moderno e reformado, o Estado mínimo, que reduz sua atuação social, e aposta no Terceiro Setor como possibilidade de exercer o poder político para reverter este quadro. Esta aposta é retomada em artigo da mesma autora dois anos mais tarde, com destaque para o poder local através da participação popular nos *"planes estratégicos urbanos"* (Elena Picasso, 2000).

Diante dessas análises críticas sobre o papel do Estado no continente nos anos 80 e 90, vale a pena destacar a entrevista com Sara López (1993), que apresenta a experiência cubana como alternativa aos modelos marcados pela desigualda-

de e pela injustiça sociais. A entrevistada reconhece os limites do socialismo cubano, mas o apresenta como uma opção ao modelo neoliberal qué então vinha se tornando hegemônico entre nós.

No número 85 (Março de 2000), a Revista foi dedicada especialmente ao tema do poder local, o que possibilitou um aprofundamento significativo nesta temática. Da entrevista com Michel Azcueta, vale destacar o convite que o educador peruano faz para não se temer assumir responsabilidades, pois exercer o poder, principalmente no nível local, implica em se responsabilizar diretamente por propor, decidir e executar as idéias e os ideais que se tem. Andrés Cepeda, da Republica Dominicana, apresenta-nos uma diferenciação entre construir o poder "desde abajo" e tomar o poder formalmente instituído. Este autor, a partir de sua experiência, relata a importância de se investir na análise da realidade local, nos processos de formação de sujeitos coletivos, na tomada de decisão a partir das necessidades do grupo local, bem como no empoderamento dos sujeitos mais marginalizados, tais como as mulheres e os jovens. Raul Pont, então prefeito de Porto Alegre (RS, Brasil), apresenta a experiência de três mandatos do Partido dos Trabalhadores na cidade, destacando o orçamento participativo, os conselhos municipais e a publicização dos gastos e atividades da prefeitura para toda população.

Finalmente, destacamos o artigo de Chico Alencar (2001) que analisa a contradição entre o descrédito e a importância dos partidos políticos. O autor vislumbra o *"partido-movimento"*, que seja capaz de fazer interlocução com os movimentos populares e dialogar pedagogicamente com as massas, desburocratizando a linguagem do poder e potencializando as inquietações e os anseios populares.

2 – POLÍTICA E ÉTICA

Nesta temática, estamos considerando textos e entrevistas que ao longo da história da Revista Novamerica relacionam o campo da atuação política e o campo dos valores éticos. Colocando em nossa balança o tema Ética e Política percebe-se dois movimentos oscilatórios diferentes e seqüenciados. O primeiro é a articulação entre atuação política como uma exigência da fé religiosa. O segundo é articulação da filosofia como fundamento direcionador da atuação política a fim de que ela seja mais consciente e crítica. Vejamos estes dois movimentos através dos próprios autores que se enveredaram por esta temática.

Para o teólogo chileno Segundo Galilea (1987) a solidariedade com os marginalizados, através de uma atuação política firme e decidida, é uma exigência da fé, que se quer profética e transformadora das injustiças sociais. Na mesma perspectiva, Ricardo Antoncich (1990) apresenta o compromisso sócio-político do cristão com base numa visão crítica da história e da realidade, buscando uma atuação que não se restringe ao campo religioso, mas



Foto João Ripper

que se posiciona, por exemplo, na luta contra a dívida externa ou na reconstrução da democracia no continente, articulando compromisso com o transcendente e a transformação social, política e econômica. Nestes artigos, fica evidente o convite para se articular a política com os valores da justiça, da igualdade, da solidariedade e, principalmente, da esperança, que não se traduz em postura passiva e alienada, mas ao contrário, apresenta-se atuante e crítica.

O segundo movimento observado nesta temática é o diálogo mais específico com o campo da filosofia. E nesta vertente, as contribuições de Pablo Salvat (1992 e 2001), Helio Gallardo (1998 e 1999) e Leandro Konder (1998 e 1999) são especialmente significativas. Vejamos como estes pensadores e outros articulistas avançaram na temática.

Segundo os autores, ao entrar no campo da ética é preciso desconstruir o modelo de racionalidade moderna, marcado pela aliança entre capital, ciência e técnica. *"El proceso de racionalización a que dio curso esta propuesta moderna de dominio y poder, no ha dejado de hacer sentir hasta el dia de hoy sus consecuencias (...) en el desarrollo unilateral de la razón moderna se relevaron de manera dominante sus caracteres orientados al cálculo, a la objetivación, a la homogeneización de lo diverso, funcionalizados según los valores de la utilidad, el eficienticismo, o el poder sobre las cosas y los otros"* (Salvat, 1992). Leandro Konder (1999) retoma esta questão ao propor a busca por uma nova racionalidade, defendendo que esta nova razão *"não poderá se desenvolver sem banhar-se constantemente na diversidade das nossas culturas, em suas diferentes expressões, em toda riqueza das suas particularidades"*.

Em meio à constatação de uma crise de valores presente principalmente na virada do século, Helio Gallardo (1999) apresenta a democracia como a grande utopia popu-

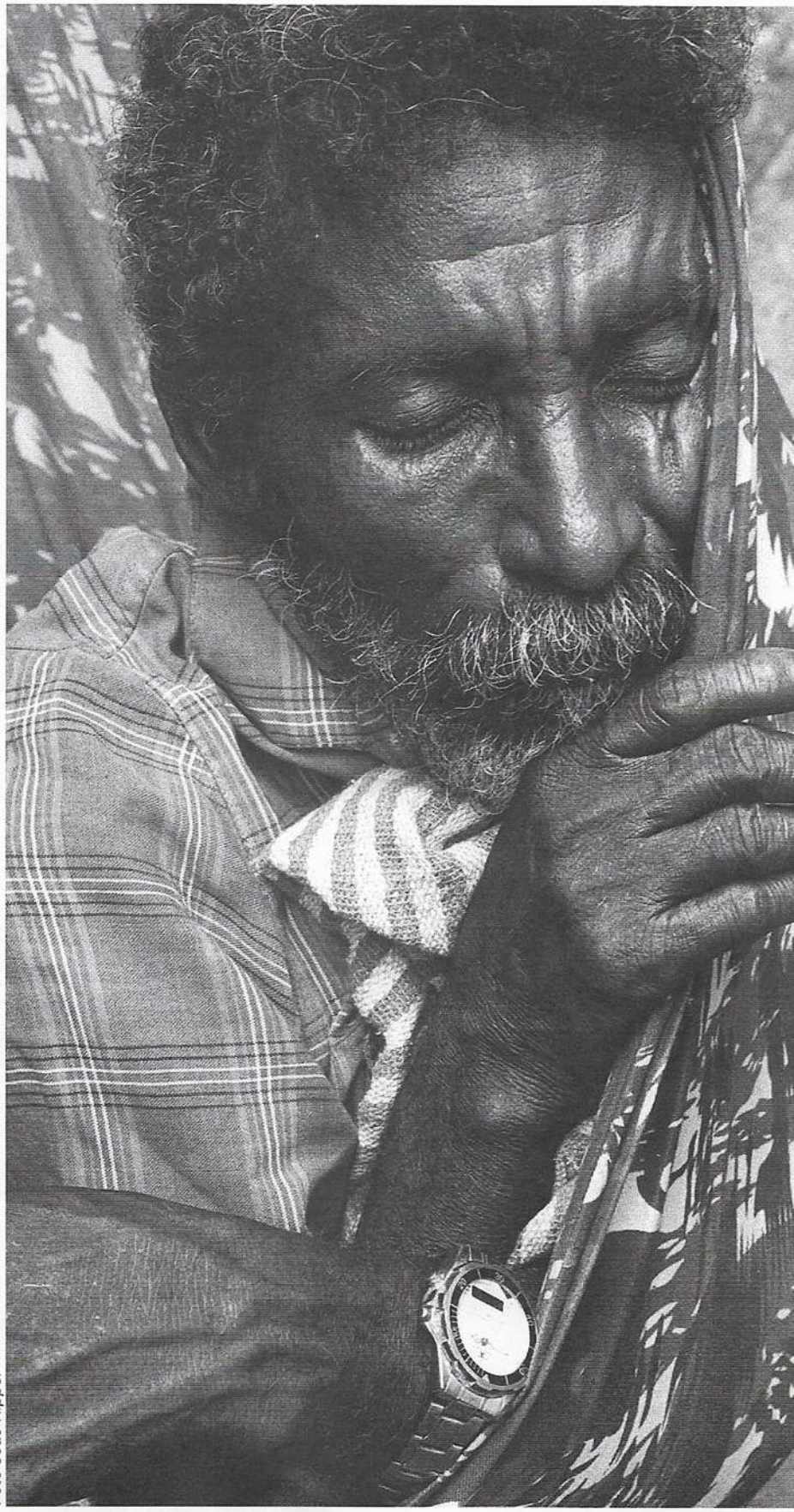


Foto João Ripper

lar, "a esperanza radical alternativa que orienta porque se descubre y construye en el testimonio y compromiso personales" de tantos jovens, múlheres, ecologistas, pacifistas e defensores dos direitos humanos como um referencial ético para a construção e a consolidação da nossa experiência democrática. Gallardo insiste que a Democracia não é apenas uma forma de governo, mas uma existência, um estilo de vida, uma cultura, que tem propostas políticas, mas também valores fundamentais, tais como: autonomia, participação, diálogo e co-responsabilidade.

3 – DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA

Direitos Humanos e Cidadania são temáticas que pesam na balança da Revista Novamerica nas últimas duas décadas. Artigos e entrevistas que apresentam as experiências daqueles que lutam em defesa dos direitos humanos e da garantia de cidadania para todos e todas, bem como reflexões acerca de direitos básicos de cidadania – tais como: saúde, trabalho e educação – marcam a revista, desde a segunda metade da década de 80.

As primeiras aparições do tema, ainda na década dos oitenta, apresentam-na diretamente relacionada com o clima de falta de democracia e falta de possibilidade política para o exercício da cidadania, marcadas pelo contexto de repressão que aqueles anos viam finalmente ser superado. Assim, os artigos apresentam a experiência de um trabalhador desempregado (Maria Zugasti, 1986), o registro da tortura nos cárceres políticos (Cecilio Salgueiro, 1989) e a necessidade de denunciar as violações, bem como se defender e exigir os direitos humanos (Fernando Rojas, 1987).

Os anos noventa trazem a marca da contradição, ou seja, ao mesmo tempo em que se implementam os regimes democráticos há o aumento das violações contra os direitos humanos e a cidadania no continente latino-americano. Assim, os artigos dessa década apontam para a crise da democracia (Elena Picasso, 1991), as suas contradições com o mundo moderno (Dieter Misgeld, 1994) e as perdas de direitos sociais observados em todo continente (Victor Osório e Hector Cueva, 1995). No entanto, o tema da tortura e dos encarcerados, presente desde a década anterior, revela-se ainda atual na década de 90 com os artigos de Simone Menezes (1994) e Claudia Ortiz (1998). A novidade neste período – mais demarcada no final da década – é a ampliação na análise da temática, articulando-a com os condicionamentos econômicos (Susana Sacavino, 1998) e sociais (Adolfo Pérez Esquivel, 1998), bem como artigos que vão além das críticas, ou seja, que apresentam propostas e experiências, digamos bem sucedidas, de cidadania e desenvolvimento sustentável (Eduardo Gudynas, 1999) e de compromisso de transformação social e cidadã tendo como ponto de partida os movimentos sociais (Janett Ramirez, 1998).

A Democracia não é apenas uma forma de governo, mas uma existência, um estilo de vida, uma cultura, que tem propostas políticas, mas também valores fundamentais.

Além do crescimento das violações dos direitos humanos e da cidadania identificado na década de noventa, se verifica um clima de preocupação com o surgir do novo milênio. O tema rompe o milênio com a dramaticidade do terrorismo, articulado com o contexto de guerras e de busca pela paz, não só no continente, mas no mundo todo, o que se comprova com o artigo de José María Gómez (2000) e a entrevista de Maria Victoria Benevides (2002).

No entanto, não se pode afirmar que a desilusão tem sido a tônica predominante nesta temática. Direitos Humanos e Cidadania tem sido uma temática sempre alentadora de esperança. Adolfo Pérez Esquivel (1998), por exemplo, defende que o tema dos direitos humanos traz muito mais do que violação à vida, pois apresenta o desafio da construção de uma cultura de solidariedade e novas formas de convivência. Eduardo Gudynas (1999), por sua vez, propõe a ampliação do entendimento do que seja cidadania, recusando restringi-la apenas à dimensão do voto ou do consumo, afirmando que a cidadania é também a presença em diferentes espaços coletivos orientados à solidariedade e à participação política, de maneira plena, livre e autônoma.

4 - SOCIEDADE CIVIL E MOVIMENTOS SOCIAIS

A temática Sociedade Civil e Movimentos Sociais enquanto uma categoria de análise da realidade latino-americana, ganha maior peso de mensuração na Revista Novamerica no final da década dos noventa e início do século XXI através de dois números mais focados no tema, a saber: Democracia para Todos/as (n.º 80 – Dezembro de 1998) e Movimentos Sociais e Globalização (n.º 89 – Março de 2001).

Se apenas nos finais dos noven-

ta o tema se torna explícito, já na década de oitenta encontramos alguns sinais da temática que ganharia contornos mais definidos uma década mais tarde. Pedro Ribeiro (1986), sociólogo brasileiro, num texto no qual analisa o significado analítico da categoria *"povo"*, afirma que este termo, enquanto categoria sociológica, só ganha força social quando deixa de ser considerado massa e de algum modo se organiza para influir no seu destino. Enquanto não há uma mobilização ou organização popular não se poderia, segundo o autor, entender o significado pleno do termo *"povo"* ou *"popular"*. Os conceitos de organização e mobilização ganharão maior clareza, como veremos mais adiante, com outros articulistas da revista que se debruçaram mais diretamente nas categorias *"movimentos sociais"* e *"sociedade civil"*.

Na primeira metade da década dos noventa, percebemos também a presença da temática, porém mais centrada em relatos de diferentes experiências que vinham ocorrendo no continente. É o caso das eleições para os movimentos de moradores no Chile, relatado por Jorge Toledo (1991), e dos efeitos causados na Bolívia pela Lei de Participação Popular, relatado por Esperanza Górriz (1995).

Vejamos a seguir os artigos e entrevistas que trataram a temática de maneira mais explícita e direta.

Helio Gallardo (1998), em entrevista publicada no n.º 80 (Democracia para Todos/as), aponta para a importância dos movimentos populares como expressão e base de um Estado de Direito consolidado. Para Gallardo, sem uma luta popular intensa e bem organizada será muito difícil uma América Latina mais democrática e nos alerta também para a fragilidade e a dificuldade de organização dos movimentos sociais em nosso continente. O autor destaca ainda a luta popular como um importante espaço para a possibilidade de uma transferência efetiva de poder, concentrado nas mãos de uns poucos e reprodutor de nossas históricas estruturas de exclusão social.

Lizt Vieira (2000) aposta na consolidação do Terceiro Setor como uma alternativa possível entre as lógicas do Estado e do Mercado.



Nesta mesma perspectiva, Nelson Durán (1998) considera que o conceito de sociedade civil emerge como ruptura com um poder absoluto e é expressão da pluralidade e da diversidade em nossas sociedades contemporâneas. Para Durán, é importante entender as especificidades e diferenças entre estatal e público, que pode e deve ser o espaço da sociedade civil organizada, ou seja, o público não é necessariamente estatal e pode ser ainda mais democrático e inclusivo que este.

Seguindo esta mesma lógica, Lizt Vieira (2000) aposta na consolidação do Terceiro Setor como uma alternativa possível entre as lógicas do Estado e do Mercado, pois estes *"sozinhos parecem sem condições de enfrentar a crise econômica, social e ambiental em que estamos mergulhados"*. Assim, Vieira apresenta os *"novos movimentos sociais"* – ecológicos, de gênero e de etnia – como possibilidade de diálogo entre duas dimensões que supostamente se opõem, mas que são, na verdade, correlacionadas: o local e o global.

Em outro artigo, Helio Gallardo (2001) nos ajuda a compreender as diferenças entre ação social, mobilização social e movimento social. Para o autor, ação social é todo esforço de mudança dentro das estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais. Uma ação social é medida pela sua incidência, ou seja, pela força com que consegue ou não efetivar as mudanças pretendidas. Uma ação social é considerada popular se sua incidência for a favor das classes mais excluídas de uma sociedade. Mobilização social é o esforço em convocar e acumular forças de modo a possuir cada vez mais uma maior capacidade de incidência. Movimento social seria, então, a organização popular que organiza, mobiliza e executa uma ação social e tem identidade própria, bem como uma memória de lutas e uma

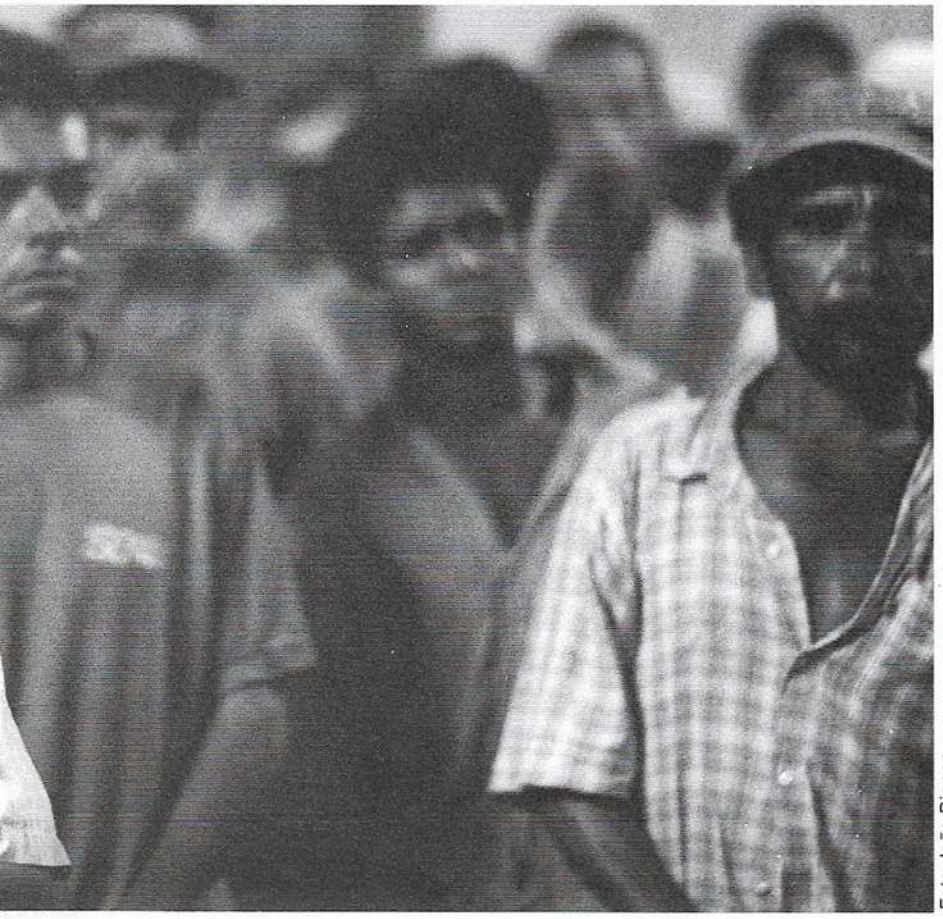


Foto João Ripper

perspectiva de continuidade na história, um projeto.

Para Maria da Glória Gohn (2001) os movimentos sociais têm mais que uma pauta reivindicatória, *"eles clamam e reclamam, não só por carência e necessidade, mas também por elementos da ordem da ética, da moral, por culturas que são negadas, destruídas, esquecidas, pela preservação desses bens culturais, de patrimônio"*. Gohn nos revela dois aspectos importantes. O primeiro é sobre a variedade de movimentos que hoje mantém uma agenda de atuação em nosso continente: movimentos indígenas, ecológicos, de direitos humanos, das mulheres, dos homossexuais, de jovens, de bairros, estudantis, de agricultores sem terra, de sem teto, etc. O segundo aspecto diz respeito ao empoderamento de indivíduos e grupos que estes movimentos realizam. *"Isso faz com que as pessoas resgatem a crença em si mesmas, na sua potencialidade, resgatem a sua auto-estima e, a partir daí, possam acreditar que juntando-se com outros, que têm os mesmos problemas e as mesmas dificuldades, é possível construir interesses coletivos e colocá-los como uma necessidade social e almejar que lutando é possível reverter a realidade e ir contra a cultura política existente"*.

É importante ressaltar também a dimensão educativa que os movimentos sociais podem e devem desempenhar. Na análise de Janett Ramirez (2001), os movimentos sociais educam para e na democracia. Segundo a autora, *"as experiências vivenciadas pelos movimentos sociais nas suas lutas constituíram verdadeiros processos democráticos"*, pois *"é na prática que se aprende a ser cidadão. É na prática que se constrói o caráter educativo dos movimentos sociais."*

De uma relativa ausência até finais da década dos noventa, o tema Sociedade Civil e Movimento Sociais atinge o seu auge com o Fórum Social Mundial, o movimento dos movimentos, o ponto de culminância da diversidade dos movimentos sociais, da troca de experiência, do diálogo entre mundos diferentes, da retomada da esperança de um outro mundo possível. Mundo globalizado sim, mas com bases na solidariedade e na justiça e não mais na competição e na exclusão. Neste sentido, o Fórum Social Mundial fez parte da pauta da Revista Novamerica nos últimos dois anos. Em 2001, com uma abordagem analítica de Sonia Camargo sobre as novas possibilidades de ordem mundial que o Fórum apontava e com o artigo de Clóvis Marques sobre as origens e os efeitos contra-hegemônicos do evento. Além dos artigos, a Revista também publicou a Carta de Princípios que recolhia a experiência do primeiro Fórum e convocava para o segundo. Em 2002, o Fórum volta a pauta da Revista com o depoimento de Brenda Carranza sobre a vivência democrática e a governabilidade global. E, devido a sua dimensão e importância, tudo indica que o Fórum continuará na pauta de discussão da Revista, o que é, de certa maneira, uma garantia de continuidade desta temática.

5 – GLOBALIZAÇÃO, NEOLIBERALISMO E EXCLUSÃO SOCIAL

A quinta categoria a ser colocada em nossa balança é a que relaciona os processos de globalização, as causas e os efeitos das políticas neoliberais e as questões relativas à exclusão social pelas quais passam os povos de nosso continente. Desde o final da década dos oitenta, pudemos perceber que foi ficando cada vez mais claro para os dife-

rentes articulistas a relação estreita entre as temáticas: Globalização, Neoliberalismo e Exclusão Social.

Apesar das três temáticas estarem apresentadas aqui numa mesma categoria de análise, é possível perceber dois eixos distintos nos artigos e entrevistas publicados pela Revista ao longo desses vinte e sete anos. O primeiro eixo é a relação entre o inexorável processo de globalização e sua articulação crescente, ainda que não obrigatoriamente necessária, com as políticas neoliberais. O segundo eixo é o entendimento da exclusão social como um dos efeitos mais perversos do neoliberalismo como política econômica dominante no mundo e conseqüentemente na América Latina.

No entanto, além desses dois eixos articuladores é preciso ainda enfatizar dois temas que ao longo da história da Revista articularam de maneira mais ampla esta categoria como um todo: a dívida externa e a problemática das guerras. Vejamos a seguir estes dois eixos de articulação e os dois temas específicos.

Quanto ao primeiro eixo, Globalização e Neoliberalismo, destacaremos alguns artigos que revelam esta relação de domínio de um modelo econômico sobre um processo social considerado inevitável.

Susana Sacavino (1988) analisa a então crescente dependência dos países do Sul com os países do Norte, representados pelo Fundo Monetário Internacional e pelo G7, o Grupo dos sete países mais ricos do mundo. Segundo a autora, a dependência é mantida porque a economia, mais do que qualquer outro âmbito da vida social, continua a reproduzir a estrutura de poder e submissão entre o Norte – desenvolvido, poderoso e credor – e o Sul – dependente, pobre e devedor. José Maria Gómez (1995) faz um balanço da década dos oitenta, lembrando que para a América Latina ela foi considerada, do ponto de vista da economia, como uma *"década perdida"*, mas, para o autor, do ponto de vista da construção democrática, os anos oitenta foram uma *"década ganha"*, pois foi neste período que muitos países latino-americanos conseguiram reiniciar um processo de democratização política. No entanto, o autor aponta para um processo inverso que começava a se delinear nos anos noventa: *"o maximalismo neoliberal e o minimalismo democrático"*, indicando que, na tentativa de compatibilizar abertura política e desenvolvimento econômico, a América Latina caminhava para um processo de mais valorização dos mercados e de efetivação de uma democracia meramente formal.

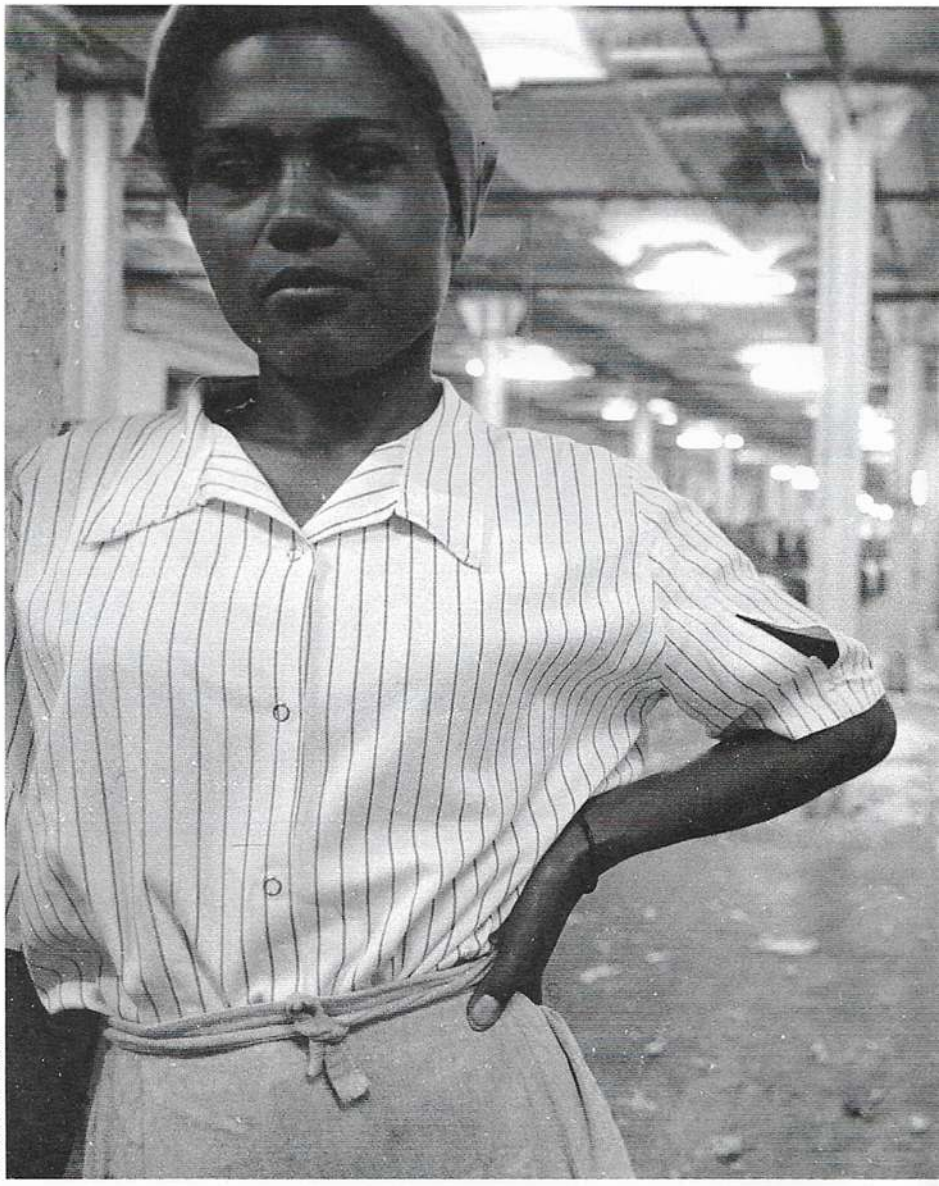


Foto João Ripper

Entre nossos articulistas, Gregorio Iriarte (1997) foi o primeiro a reconhecer que a *"globalización es algo inexorable"*. Para o autor, *"de buena o de mala gana todos estamos atrapados en ella. El fenómeno de globalización, no sólo es imparable, sin que sus efectos se irán sintiendo, con un impacto creciente, en toda la sociedad"*. Iriarte condena o fundamentalismo de mercado imposto ao continente e defende uma globalização que seja centrada no desenvolvimento humano



e que tenha como prioridade o pleno atendimento das necessidades humanas e não meramente os desejos do consumidor. José Maria Gómez (2003) retoma mais diretamente a tarefa de definir a globalização, indicando o seu caráter cada vez mais ambíguo e polivalente. Para o autor, *"o termo a globalização denota a extensão e a intensificação de interconexões e interdependências de atividades de todo tipo entre Estados e sociedades nacionais: certamente econômicas, mas também as políticas, culturais, sociais, tecnológicas, ambientais."*

Helio Gallardo (1998), em mais um brilhante artigo, também busca definir e articular os dois conceitos. Para o autor, a globalização é a forma mais expressiva de expansão e materialização do capitalismo do final do século XX e, equivocadamente, considerada o momento derradeiro para a modernização das economias e das sociedades latino-americanas. Já o neoliberalismo é considerado como mais que um receituário econômico, ele é uma ideologia que domina o processo de globalização. O neoliberalismo é essencialmente pessimista, pois não acredita na capacidade humana de se planejar e propõe deixar toda regulação para os supostos mecanismos naturais do mercado, além de partir do princípio que sempre haverá ganhadores e perdedores, então, os pobres – os perdedores na lógica de mercado – sempre existirão como conseqüência natural do desenvolvimento econômico. No número 98, dedicado especialmente ao tema do Neoliberalismo, José Márcio Camargo (2003) faz um contra ponto às considerações anteriores ao afirmar, em entrevista, que o mercado também tem suas vantagens e não pode ser visto simplesmente como um vilão. O economista brasileiro considera que o mercado é o melhor mecanismo para a alocação de recursos e que os países do socialismo real demonstraram a grande dificuldade de se ter eficiência econômica sem o mercado enquanto uma instituição reguladora.

"Tantos y tan pobres", os excluídos aparecem nas cenas cotidianas de uma América Latina vítima da concentração do poder econômico, político e militar.

Quanto ao segundo eixo, Neoliberalismo e Exclusão Social, começamos com o artigo de Susana Sacavino (1997) sobre a permanência do desemprego como uma estratégia econômica de exclusão social. O desemprego estrutural, cada vez mais presente e crescente nos países latino-americanos, é analisado tanto como conseqüência da revolução tecnológica quanto como resultado das políticas neoliberais que apregoam o esgotamento do pleno emprego como uma possibilidade viável no interior das economias de mercado.

Outro tema recorrente neste eixo é o da desigualdade. Fernando Ovando (1996) toma como ponto de análise o pensamento e o sentimento dos excluídos. *"Tantos y tan pobres"*, os excluídos aparecem nas cenas cotidianas de uma América Latina vítima da concentração do poder econômico, político e militar. A concentração da renda, dos bens e dos direitos de cidadania como privilégio de uns poucos é uma entre tantas *"enfermedades del modelo neoliberal"*, afirma o autor. Laura Tavares Soares (2003) retoma, amplia e atualiza o tema das desigualdades sociais. Recorrendo a uma análise dos indicadores sociais, a autora demonstra o agravamento da pobreza e o crescimento da distância entre pobres e ricos em nosso continente. Soares desvela ainda a falácia dos argumentos da chamada transição ou modernização econômica pela qual a América Latina é chamada a passar, mas que no entanto tem sido marcada pela desigualdade, pela perda de direitos e pelo aumento da pobreza.

Vejamos a seguir os dois temas que articulam mais diretamente a

temática Globalização, Neoliberalismo e Exclusão Social.

O primeiro é o tema da dívida externa. Vale a pena assinalar que a Revista Novamerica já dedicou dois números a fim de refletir sobre a temática. O primeiro número foi em Março de 1988 e o segundo foi exatamente onze anos depois, Março de 1999. É possível notar que a década que separa os dois números fez a reflexão e as propostas apresentadas avançarem significativamente, mas a problemática, no entanto, parece ter se agravado de uma década para outra. Em 1988, Javier Iguiñiz e Gregorio Iriarte, em artigos diferentes, defendiam a imoralidade da dívida externa, considerada injusta e impagável. Em 1999, Iriarte volta a Revista, na secção da contra capa, para confirmar sua defesa: a dívida é imoral! Franz Hinkelammert confirma outra constatação da década anterior: a dívida é impagável. Andréa Damacena analisa os entraves da dívida externa no pagamento das dívidas sociais que os Estados têm com o povo latino-americano. Elena Picaso, Ismael Muñoz e Carmen López, em três diferentes artigos, apresentam diferentes enfoques de uma mesma proposta: o cancelamento de toda dívida que for considerada injusta, imoral e impagável, o que era a base argumentativa do movimento *"Jubileu 2000"*, levado por uma série de instituições latino-americanas e internacionais.

O segundo tema específico é o das guerras e do terrorismo. A temática se torna especialmente relevante após os atentados de 11 de Setembro de 2001, em Nova York e Washington, bem como a cruzada, quase religiosa, contra o terrorismo levada pelo império ianque. No ano seguinte aos atentados, dois números da Revista refletiram mais diretamente o clima de imperialismo e de guerra que ainda vivemos hoje, o n.º 93 (Março de 2002), sobre Pluralismo Religioso, e o n.º 95 (Setembro de 2002), sobre Terrorismo. Leopoldo Articles aponta para os perigos de, em nome do combate ao terrorismo, se desrespeitar as convenções internacionais de defesa e garantia dos direitos humanos. Ricardo Dornelles levanta uma série de questões fundamentais para se pensar o tema, inclusive, a necessária e difícil tarefa de se definir terrorismo. Não seria terrorismo a política do FMI que espalha miséria e mata milhares anualmente? Não teria sido terrorismo as bombas atômicas contra Hiroshima e Nagazaki? Já Helio Gallardo faz uma importante distinção entre terror de Estado e ação terrorista, além de propor a negociação baseada no diálogo e o reconhecimento da pluralidade como os melhores caminhos para a construção da paz. Nizar Messari defende a importância do multilateralismo internacional, especialmente o papel que joga a ONU na definição e condução dos conflitos internacionais. Fabíola Luna analisa o contexto da guerra do Afeganistão e lança uma interessante definição sobre a força que existe na resistência daqueles que são supostamente considerados os fracos. Finalmente, Atílio Borón aponta para as articulações entre a guerra contra o terror e o imperialismo financeiro, mostrando assim as profundas implicações entre o projeto econômico neoliberal e o imperialismo militar norte-americano.

Em 1988, Javier Iguiñiz e Gregorio Iriarte, em artigos diferentes, defendiam a imoralidade da dívida externa, considerada injusta e impagável.

A fim de concluir esta categoria, podemos considerar que o neoliberalismo é sem dúvida o seu tema central. Ele tanto se relaciona profunda – mas, não necessariamente – com a globalização quanto é entendido como um processo que nos leva cada vez mais à desigualdade e à exclusão social. Sendo assim, não haveria uma relação direta entre globalização e exclusão social. Esta relação acaba acontecendo por conta do tema mediador, o neoliberalismo. O que queremos dizer com isso é que é possível perceber na análise dos nossos articulistas que pensar a globalização fora dos paradigmas neoliberais é fortalecê-la



Foto João Ripper

em suas dimensões relacionais, porém mais inclusivas e igualitárias. Destaca-se também o tema da dívida externa como aquele que mais aglutinou o debate sobre os processos de globalização, os efeitos das políticas neoliberais e as questões relativas à exclusão social.

6 – DEMOCRACIA E INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA

A última categoria a ser colocada em nossa balança é também a mais antiga entre as seis categorias identificadas nesta releitura sobre a produção que envolve a temática Democracia e Política. Podemos inclusive ousar dizer que integração latino-americana é o tema da revista!

A articulação entre Democracia e Integração Latino-Americana aparece basicamente em duas perspectivas.

A primeira é mais ampla e por isso mesmo um tanto mais difusa. Trata-se de uma variedade bastante numerosa de artigos que buscam noticiar, relatar, socializar determinadas realidades em algum país latino-americano em específico. O que fica evidente nestes artigos é que, apesar da especificidade dada pelo contexto de um país e por uma temática mais restrita, a realidade latino-americana como um todo se revela em cada um deles e ainda de maneira mais nítida na leitura conjunta deste diversificado conjunto de peças que formam um verdadeiro mosaico.

As semelhanças das problemáticas são tão evidentes que falar da violência no Peru, da ditadura no Paraguai, do Movimento Zapatista do México, da lei contra corrupção na Bolívia, das condições econômicas brasileiras, dos movimentos de resistência na Guatemala ou do Movimento de Piqueteiros da Argentina não aparece ao leitor/a como um fato pitoresco de um país distante, mas como uma realidade próxima que também lhe é comum mesmo que ainda não seja um relato sobre o seu país ou sobre uma temática que ele/ela domine. Estes artigos ajudam, em nossa avaliação, a nos sintonizarmos com temas e realidades próprias de nosso continente, confirmando, assim, a missão da Revista de promover a integração da Pátria Grande. A variedade e o número desses artigos não nos permitem reproduzir de maneira minimamente fiel este verdadeiro mosaico que nos encanta os olhos ao viajarmos pelo largo da história desta revista.

A segunda perspectiva é aquela que se dedica diretamente a refletir sobre a integração latino-americana propriamente dita. Neste sentido, cumpre registrar igualmente que a perspectiva é também antiga, recorrente e, em cada etapa da revista, confirmada. Além disso, esta integração é discutida a partir de diferentes perspectivas – geográfica, histórica, cultural, política, ar-



tística, social e econômica – e por diferentes articulistas.

Comecemos, então, a destacar alguns desses textos:

Mirta Nora Diaz (1982) nos apresenta uma profunda análise dos condicionantes geopolíticos do nosso continente, utilizando-se de uma interessante análise da geografia e embarcando também em nossa história.

Em 1988, Susana Sacavino analisa – desde os pontos de vista geopolítico, jurídico e político – a declaração do Atlântico Sul como Zona de Paz e Cooperação promulgada pela Assembléia Geral da ONU. O interessante da análise é não só perceber a importância da costa leste de nosso território para as relações do nosso continente com o mundo, mas também identificar especialmente a nossa integração com a África, continente irmão não só pelo Atlântico, mas pelas características sócio-políticas.

Em 1991, a Revista Novamerica comemorava a publicação do n.º 50 e Isabel Pincemim ficou encarregada de levar a frente a seguinte reflexão: *"A integração latino-americana seria uma simples ilusão?"* A autora aposta em um longo caminho que, segundo ela, deveria passar por estabilidade política de governos democraticamente eleitos, por uma política de relações externas entre os países membros baseada na coerência ética e pela consolidação de nossa identidade cultural.

Três artigos analisam de maneira bastante crítica a integração do continente na perspectiva econômica. O primeiro é de Miriam Felperin e María Romero, publicado em 1991, que analisava os primórdios da ALCA, ou seja, o plano *"Iniciativa para as Américas"* lançado pelo Presidente Bush (pai). Gregorio Iriarte nos alertava mais tarde, em 1997, para os primeiros movimentos para a criação efetiva da ALCA, proposta agora pelo Presidente Clinton. O autor faz uma memória do projeto comentando a malfadada "Iniciativa para as Américas" e em seguida nos alerta para as intenções não manifestas que se colocavam num projeto até então pouco conhecido mesmo para um público composto de leitores mais atentos. Sem dúvida, a Revista cumpria naquele momento um papel profético ao discutir e alertar para as decisões que ainda seriam tomadas na Segunda Cúpula do Hemisfério, que foi realizada no Chile no ano seguinte. O terceiro artigo é de Nelson Villareal (1997), que discute especificamente os desafios do Mercosul como um projeto de integração. O autor afirma que o modelo de integração que está em jogo com os blocos econômicos é o que privilegia um mundo hierarquizado pela economia em detrimento de uma integração pelo viés das políticas sociais. Segundo Villareal, antes de discutir uma união monetária e comercial, deveríamos *"cuestionar sobre las desigualdades inaceptables y las igualdades posibles en los procesos de integración que estamos viviendo"*.

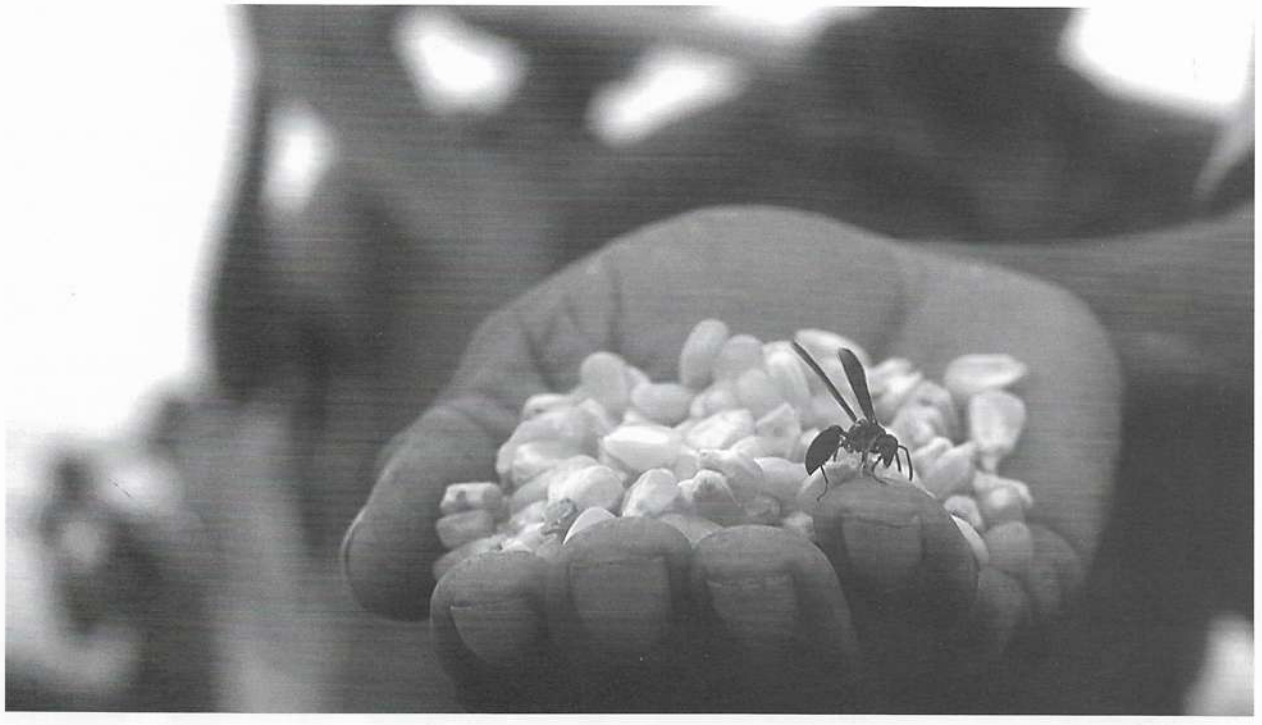


Foto João Ripper

Outros dois artigos tentam fazer um balanço sobre o tema da integração latino-americana. Um assinado por Vera Candau e Susana Sacavino, em 1997, e outro por Susana Sacavino,

Para Susana Sacavino é preciso atualizar o sonho da Pátria Grande a nível local e global, articulando-o com as nossas lutas por democracia, com nossas práticas de solidariedade.

Felicitaciones por llegar al número 100 y por el interés que Ustedes han ido colocando a las distintas ediciones de la Revista Novamerica, igualmente por la página Web en Internet. Es bastante significativo estar subscrito a una revista que escribe con seriedad académica temas relacionados con la actualidad del mundo latinoamericano, y aún contando con temáticas de carácter internacional. Como profesor universitario me ha servido para reflexionar sobre las diferentes circunstancias que plantean los acontecimientos históricos de la realidad humana, especialmente en Latinoamérica; a su vez, cómo, tales escritos, repercuten en los interrogantes que dejan entrever los adelantos de la ciencia y la tecnología.
Gracias y adelante con Novamerica!

Jesús León, assinante, Colombia

em 1999. Candau e Sacavino retomam o histórico do sonho de Bolívar, a Pátria Grande, e afirmam que o projeto de integração ficou restrito à dimensão econômica – quiçá apenas comercial – desde a metade do século passado com a criação da CEPAL (Comissão Econômica para a América Lantina). Susana Sacavino amplia e atualiza o artigo anterior considerando os condicionantes da globalização e do neoliberalismo para pensarmos o sonho bolivariano. A autora destaca ainda a recente produção literária e musical, destacando nomes como Eduardo Galeano e Mercedes Sosa, que impulsiona este sonho num âmbito mais profundo, o da cultura e da identidade. Para Sacavino é preciso atualizar o sonho da Pátria Grande a nível local e global, articulando-o com as nossas lutas por democracia, com nossas práticas de solidariedade, com nossos sonhos de cidadania para todos e todas. Reafirmando Belisario Bittancourt, convoca: *"temos que colocar o calor do povo na integração"*.

DOIS PESOS E UMA MESMA MEDIDA

No Brasil, quando se quer denunciar uma injustiça ou situação de privilégio a favor de alguém e contra outrem é comum usar um ditado que diz: *"dois pesos e duas medidas"*, sinalizando uma balança que mensura injustamente duas realidades semelhantes atribuindo pesos distintos. No nosso caso, queremos indicar o oposto, ou seja, o equilíbrio das duas temáticas. São dois pesos com a mesma medida...

Sendo assim, ouçamos o seguinte balanço: Democracia é um peso com mais presença nas categorias Sociedade Civil e Movimentos Sociais e Democracia e Integração Latino-americana. Por sua vez, Política é o peso das categorias Política, Poder e Estado e Política e Ética. No entanto, os dois pesos entram com igual mensuração nas outras duas categorias: Direitos Humanos e Cidadania e Globalização, Neoliberalismo e Exclusão Social. Cumpre registrar que longe de ser um diagnóstico conclusivo, a consideração sobre os pesos neste balanço crítico é apenas uma releitura possível.

Poderíamos ainda nos perguntar sobre quais instrumentos são mais utilizados na elaboração e na regulagem dessa balança? Aqui cabe levantar alguns aspectos que atravessaram toda a temática e ao mesmo tempo a possibilitaram. Vejamos, a modo de conclusão, três instrumentos que nossos articulistas mais utilizaram: (1) uma leitura crítica e profunda da memória e da identidade latino-americanas, bem como o repensar de um projeto para a Pátria Grande; (2) a articulação de diferentes dimensões que compõem a realidade (social, política, econômica e cultural); (3) a variedade de enfoques e pontos de partida (relatos de experiência, análise teórica, proposta de ação, avaliação de documentos, diagnósticos conjunturais, etc).

Ao remexer esses 99 números e pesar, comparar, mensurar, podemos oferecer, com certa clareza, um atestado: a balança funciona e está firme para mais 27 anos de equilíbrio, prudência, moderação ou, até mesmo, confrontos e comparações. •

1 Filósofo e Doutorando em Ciências Humanas (PUC-Rio). Membro da Equipe Novamerica.

2 Estamos considerando como documentos as publicações de outras instituições e grupos que a Revista Novamerica colaborou com a divulgação, tais como: o veredicto do Tribunal da Dívida Externa; a convocação para a "Campaña Condonación 2000"; os compromissos da Semana Social Brasileira, do Encontro Ibero-Americano do Terceiro Setor, do Fórum Social Mundial, entre outros.

Integração dívida externa



Foto João Ripper

latino-americana, e movimentos sociais



Yolanda Cecilia Villalva García[1]
México

Os temas econômicos abordados nas 99 edições da Revista Novamerica aparecem em número significativo, com continuidade e oportunidade no momento que em foram publicados. Destacam-se, principalmente: integração latino-americana, dívida externa, movimentos sociais na esfera global. Como forma de contribuição, se reconhecem, além disso, certas ausências nas análises, propondo futuras abordagens.

É significativo o número de artigos (87) sobre temas econômicos publicados na revista Novamerica, especialmente nas segunda e terceira etapas, bem como o número de revistas dedicadas a esta área. São elas, entre outras: A fome (1985), A dívida externa (1988), Integração latino-americana: utopia e realidade; Excluídos: desafios à solidariedade (1996), Redes de Integração (1997), Dívida Externa, Dívida Eterna (1999).

Este fato tem uma função de informação e de didática para uma tomada de posição, uma tomada de consciência ou como denúncia / anúncio de que é possível reverter a situação. O editorial da revista n.º 2, de 1985, sobre a fome, aponta: *"O tema da fome não pretende ser um estudo técnico. Quer ser um eco e uma resposta, uma tomada de consciência e uma busca de caminhos. Quer ser uma denúncia e, ao mesmo tempo, um anúncio de que realmente é possível reverter esta situação"*[2]

Os artigos também se tornam eixos transversais quando repassamos os diferentes números de Novamerica. É o caso das questões da dívida e da integração latino-americana.

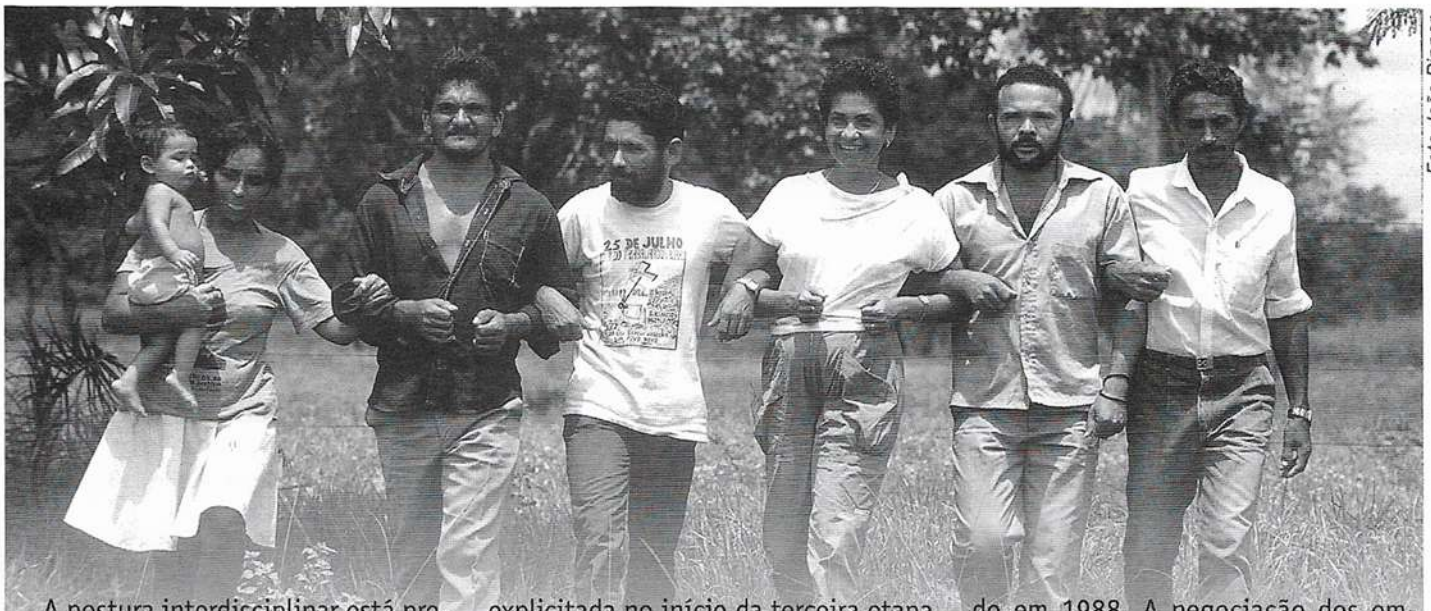


Foto João Ripper

A postura interdisciplinar está presente em cada análise; quem quiser encontrar um estudo econômico técnico não deverá procurá-lo neste espaço; contudo, as questões estarão vinculadas à educação, a uma visão ética, referidas a respeito aos direitos humanos, ou na defesa do meio ambiente. É significativo o resgate de ações que demonstram resistência, declarações e tomadas de posição de diferentes grupos, movimentos, setores, etnias, ali onde emergem alternativas que fazem frente à pobreza e à exclusão, ali onde é possível descobrir acontecimentos relacionados com a construção criativa de uma Nova Ordem Econômica Internacional (NOI) e com o projeto de uma globalização criativa.

Pode-se identificar questões que estão presentes em diferentes momentos e etapas da revista.

INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA

Fazem-se análises sobre o Grupo Andino, a Associação Latino-americana de Livre Comercio (ALALC), Associação Latino-americana de Integração (ALADI), Mercado Comum Centro-americano, Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), explicam-se os processos, a história; se está presente nos encontros, ali onde surgem declarações, mas com uma intenção clara - mais bem explicitada no início da terceira etapa da revista - sobre a Pátria Grande, ou seja, é a Novamerica que se desenvolve em um desejo, unido ao sonho bolivariano *"Eu desejo mais do que outro algum, ver formar-se na América a maior nação do mundo"* e de outros latino-americanos de diversos países sobre o sonho latino-americano.

Uma integração que não se refere exclusivamente à área econômico-comercial, e sim a um horizonte que inclui *"a construção de uma consciência latino-americana, de uma identidade própria, de uma mentalidade comum, que passa necessariamente pela qualidade de vida de todos e todas, pela radicalização da democracia e pelo reconhecimento da pluralidade cultural presente no continente"*[3]. Também apresenta uma análise crítica das propostas norte-americanas de livre comércio continental, da linha monetarista do modelo neoliberal, tais como: ALCA, NAFTA (TLC), e Plano Puebla Panamá, transformando-se em espaço que abriga as expressões de oposição a esta tendência integracionista hegemônica. *"ALCA NÃO, OUTRA AMÉRICA É POSSÍVEL"*.

DÍVIDA EXTERNA

Este tema tão significativo para o continente é abordado a partir de um ponto de vista ético, menos conhecido em 1988. A negociação dos empréstimos, o planejamento de sua aplicação, a insolvência dos países no pagamento da dívida e sua repercussão direta sobre a redução dos recursos destinados à política social; assim, *"conforme a boa ética, ninguém tem a obrigação de pagar uma dívida às custas de sua vida"*. Incorpora-se o tema da capitalização da dívida, de sua renegociação e aplicação de programas de ajuste e privatização de empresas.

Em 1998, com o tema da *"Dívida Eterna"* apresenta-se a crise da dívida no continente, que passa de 475 bilhões de dólares em 1990 a 678 bilhões de dólares em 1998, sendo que o montante total de pagamentos a título de serviço da dívida, juros e amortizações atinge os 581 trilhões.

Em 1999, e por ocasião da preparação do Ano Jubilar (2000) e da campanha lançada pelo papa João Paulo II a bancos credores e organismos internacionais, no sentido de que procurem encontrar soluções de anulação total ou, pelo menos, de redução significativa desse gravíssimo problema. A Declaração de Tegucigalpa sobre esta questão - *"a dívida externa foi e é impagável, ilegítima e imoral"* - é só uma manifestação dos diversos grupos que trabalharam neste horizonte em diferentes partes do mundo.

Assim, a revista Novamerica deci-

É constante a referência aos novos atores sociais, cuja ação, às vezes local, tem repercussões globais.

de trazer a público esta questão e apoiar essa Campanha que, antes de tudo, quer ser *"a proclamação do direito dos povos a uma vida com dignidade, justiça e solidariedade"*.

Franz Hinkielammert assinala: *"Esta crise constitui o terreno fértil para que os bancos e organismos internacionais imponham a política de ajuste estrutural na maioria dos países"*[4].

OS MOVIMENTOS SOCIAIS NA ESFERA GLOBAL

Em 2001, Novamerica faz-se eco do Fórum Social Mundial de Porto Alegre como exemplo da amplidão dos objetivos dos movimentos participantes, colocados como contraponto ao Fórum Econômico Mundial, realizado em Davos, Suíça. Em sua plataforma, apresentam o combate às idéias econômicas neoliberais, e propõem políticas alternativas de desenvolvimento econômico com inclusão social. Através de sua palavra de ordem *"Outro mundo é possível"*, constituem outra voz diante do pensamento único, reafirmam a supremacia dos direitos humanos, ecológicos e sociais diante das exigências dos capitais investidores.

Nesta mesma linha, é constante a referência aos novos atores sociais, cuja ação, às vezes local, tem repercussões globais: os sem-terra no Brasil, os indígenas de Chiapas, no México, grupos de mulheres organizadas em ações que permitem o atendimento de necessidades básicas, como a organização de restaurantes populares, o copo de leite (Peru), micro-empresárias/os, base importante de uma economia social.

Assim sendo, a presença de Novamerica na análise dos fenômenos econômicos sob uma ótica interdisciplinar e o caráter oportuno das análises que apresenta, fazem da revista um meio de comunicação importante na construção de uma consciência, na informação necessária para as organizações da sociedade civil, possibilitam uma tomada de posição crítica a partir de uma visão humanizadora e ética com vistas à promoção de uma vida digna e a uma presença na construção de opções alternativas a partir da prática de diversos sujeitos sociais.

Nesta caminhada, é importante reconhecer certas ausências:

Dada a predominância de investimentos europeus, especialmente espanhóis, na mídia escrita, editoras, bem como o investimento nas áreas de finanças, petróleo e energia elétrica, é significativo contar com uma análise desta questão.

A migração de 20% da população latino-americana para outros países em busca de emprego constitui um elemento que modifica a compreensão da identidade e da integração na região.

Na revista, as análises concentram-se com mais freqüência em alguns países do Cone Sul, com uma acentuada ausência da América Central, cuja participação ou presença não é eqüitativa, impedindo-nos de ter uma visão global do Continente.

OPORTUNIDADE DOS TEMAS

Por último, não quero deixar de assinalar o caráter oportuno da definição dos temas abordados neste período.

São significativos o processo e a continuidade no estudo de vários temas e sua contribuição oportuna ao momento que se vive; aqui são assinalados os diferentes esforços para conseguir a integração do continente.

A análise ética do tema da dívida e do mercado na filosofia e ideologia dominantes. A imoralidade da dívida em um momento de silêncio sobre esta questão e antes do Ano Jubilar de 2000.

A crise da Argentina, os processos democráticos – governo de fato presentes na região e seus efeitos sobre a tomada de decisão econômica.

A informação sobre a emergência de alternativas a partir dos movimentos sociais. •

He tenido en el encuentro ecuménico de Neuquen la posibilidad de leer el contenido de vuestra revista. Por lo que he visto artículos de sumo interés dada la mirada global que se tiene de la situación que vive no solo la Argentina y el Brasil sino toda la Latinoamérica.

Miguel Ángel Calapiña, Argentina

O que aprecio na Revista é fato dos temas estarem sempre atualizados, isto é, conectados com a realidade. Lembro-me de alguns temas que apreciei muito: Voluntariado, Ética, Educar em tempos difíceis...

Leda Maria de Souza Gomes, assinante, Brasil

1 Licenciada em Economia

2 Novamerica 2ª época, Editorial "Um flagelo da humanidade", junho de 1985, p. 5

3 Candau, Vera Maria, Sacayino Susana, Integração latino-americana: um longo caminho. Novamerica n.º 75, Outubro de 1997.

4 Hinkelammert, Franz, Una deuda impagable, Novamerica n.º 81, Março 1999.

Arte, expresión



Foto Rodolpho Oliva

cultural e identidade

Mary Larrosa
Uruguai

Assinalam-se, numa visão de conjunto, alguns elementos do riquíssimo grupo de artigos escritos ao longo dos noventa e nove números da revista que abordam as manifestações artísticas do continente: beleza, arte, expressão cultural e identidade; crítica literária, de cinema, de plástica. É um convite aos leitores de hoje a aproximar-se aos originais ou a obter informações acerca dos fundamentos que sustentam a Revista Novamerica da atualidade.

Novamerica dedicou ao longo dos seus cem números um espaço importante às manifestações artísticas no continente. Beleza, arte, expressão cultural e identidade percorrem a linha de interesse de muitos artigos. A crítica literária, sobre cinema, sobre plástica aproximam o leitor das expressões diversas da arte na América, famosas algumas, conhecidas outras, inéditas a maioria, dando sempre o toque que faz presente a dimensão humana e a abordagem cultural.

Desfilam assim pelas páginas da revista artesãos da poesia, da música ou da plástica, alguma forma musical emergente, uma resenha histórica do rico patrimônio artístico de uma região ou o despontar de alguma manifestação estética ainda insipiente.

Revê-los é reviver quase três décadas de história da América nas que os leitores de Novamerica e os que colaboravam nas suas páginas se comunicavam entre si à medida que escreviam e liam juntos uma história que forjavam, também juntos. Uma revisão desta produção conjunta serve de evocação para aqueles /as que desde o começo fizeram parte dela e para colocar em dia àqueles que se somaram mais recentemente.

Aqui não faremos mais do que indicar, numa visão global, alguns elementos desse riquíssimo conjunto, convidando os nossos leitores de hoje, sejam da primeira, da segunda ou da terceira hora, a se aproximarem dos originais. Em caso de que isto não seja possível, baste ao menos, saber que eles existem e que fazem parte do húmus em que cresce e se sustenta a Novamerica atual. Este saber enriquecerá a leitura e a compreensão da publicação que hoje chega até vocês.

UM LEQUE DE EXPRESSÕES

Na primeira época da revista, "*Enfoques Culturais*", as alusões à arte são muito freqüentes. A crítica, o comentário ou a mera informação se espalham por todos os números. Mais ainda, abre-se desde o começo um espaço para a criação artística em si: a sessão Páginas de Criação Literária. Nela desfilarão ao longo dos sucessivos números da revista poesias e contos de americanos/as que ali encontram um modo de chegar a um público plural estendido ao longo dos muitos países do continente. A maioria não são escritores, mas simplesmen-

te pessoas com sensibilidade estética e algo a comunicar. Algumas delas estão próximas da redação, outras fazem chegar os seus aportes através de diversos meios, mas se deixa notar em todas elas um sentir comum e uma forte afinidade com os fins e valores sustentados pela Novamerica.

Com deleite vamos percorrendo estas páginas criativas colocadas no final dos números, antes das notas bibliográficas, fechando com um toque estético. Fechando ou deixando-os pregados no mais profundo, com a tremenda força expressiva da arte, capaz de penetrar dimensões do espírito humano às quais não chegam outras linguagens mais exatas e objetivas. É difícil destacar uns sem deixar outros. Cada um vale em si mesmo e aporta desde o frescor do recém feito à densidade do que transmite e evoca.

No primeiro número brinda-se os leitores da nova publicação a requintada e profunda poesia da Violeta Stöwas. Esta poetisa chilena publica aqui páginas inéditas de grande beleza que junto com um profundo sentido espiritual nos acostuma a sentir o americano feito poesia.

"Aqui o assombro/ tomou corporeidade.
Aqui o prodígio/ tomou espaço
para revelar-se. (...)"

Assim começa a primeira poesia entitulada "Cordilheira dos Andes"[1]. Os Andes abrem esse espaço poético de comunicação desde América e sobre América que contará mais tarde com múltiplas expressões e que nunca deixaram de estar presentes na revista.

A música faz-se presente, até com partitura, em outro número, através das letras dessa cantora e compositora argentina, singela e com sabor a terra nossa que é Mabel Quinteros. Muito ressoaram as suas canções em aqueles anos duros para os nossos países, anos de ditadura. Isso diz tudo. Especialmente significativo era ouvir naquela época - e hoje também embora sejam outras as circunstâncias -, aquilo de:

"Amanhã, será melhor amanhã.
Quando o sol bata na tua janela.
Será melhor amanhã (...).
Hoje já é o teu amanhã.
O sol na tua janela.
É hoje já o teu amanhã.
Amanhã já chegou. Amanhã é hoje."[2]

O conto é outra maneira de mostrar uma realidade social e pessoal com essa vivacidade própria da narrativa. Se uma imagem vale por mil palavras, podemos dizer que uma boa narração vale por mil exposições abstratas. Assim, o drama dos despejados do campo à cidade se debruçam com a força de um punho e a ternura de uma criança em "*Um natal na capital*", de Juana María Valencia Solar[3]. Não menos intensa chega a realidade feminina no conto do Victor Cruz, "*O Espelho*", publicado no número 24 dedicado à mulher que fecha a primeira etapa da revista.

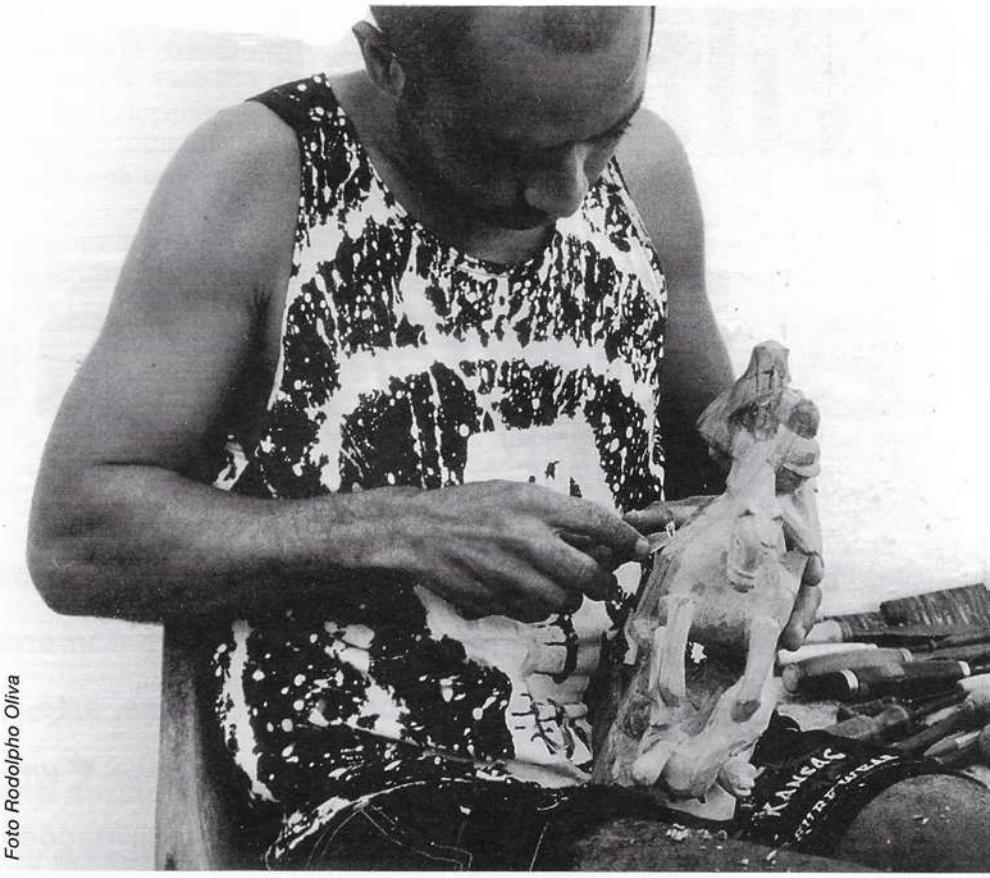


Foto Rodolpho Oliva

Também o ensaio desfila por esta galeria criativa. Com os traços de um quadro impressionista as frases curtas e expressivas do autor argentino Raúl Scalabrini Ortiz esboçam a fisionomia de "*O homem de Corrientes e Esmeralda*", habitante de Buenos Aires, em seu drama de solidão gregária e de falta de comunicação oral.[5]

O número 18, Juventude e compromisso inclui poemas de jovens. Entre eles, "*Fornalha viva*", canção em português premiada num festival organizado pela Pastoral Juvenil de Campinas. O número inclui também uma amostra de outras manifestações de criatividade: o humor. Neste caso, "*Levando fé na rapaziada*", reprodução de um folheto publicado em Belo Horizonte, Minas Gerais, no Brasil.

Em tempos de dura militância a arte é companheira e fruto maduro dos que constróem a história com as suas vidas. Dois poemas, separados por cinco anos, aludem, denunciam, doem/padecem a morte de dois mártires dentre os inúmeros na América Latina. São lindos, contudo, aqui o importante não é a forma literária em si, mas o fato que os fez nascer. "*Elegia por um amigo*" de José López Franco pela morte de José Quintanilla no Peru[6], e "*Para Luis, meu amigo*" de Gonzalo Gantier pela morte de Luis Espinal na Bolívia.[7]

Os artigos de crítica e comentário que aproximam os leitores das diferentes expressões artísticas latino-americanas são abundantes nas outras sessões desta primeira época da revista.

Dando início ao primeiro número, Rafaela Rodríguez, desde a Espanha, faz uma resenha do cinema argentino voltado a um público mais europeu. Destaca a produção de Torre Nilson e comenta depois dois filmes de sucesso nas bilheterias, naquele momento: "*A trégua*", baseada na novela homônima de Mario Benedetti e "*A Raulito*". Comentários sobre cinema aparecerão aqui e ali em sucessivos artigos sobre filmes que adquirem popularidade entre o público.

Sara López Escalona alude a expressões americanas do teatro da vanguarda e em particular do teatro do absurdo, noticiando esta corrente através do comentário de peças do dramaturgo chileno Jorge Díaz, tema que aprofundará em vários artigos. Desde os Estados Unidos, com tom de estudo acadêmico, Michela Montante comenta sobre a idéia de Deus numa novela de Borges estabelecendo um paralelismo com o novelista siciliano Sciacia e María Paz Aspe envia seus comentários sobre a novela hispânica-americana[8]; desde Guatemala, Carmen Mazario aproxima o mundo literário de Miguel Angel Astúrias.[9] Nas artes plásticas, Ana María Schneider

Em tempos de dura militância a arte é companheira e fruto maduro dos que constróem a história com as suas vidas.

percorre as etapas da pintura chilena destacando características próprias da mesma.[10]

Uma palavra especial merece o artigo de Carlos Alfonso González Vargas, "O artesanato tradicional, expressão de uma cultura" porque é antecessor de um enfoque que adotará Novamerica nas suas etapas posteriores. América, afirma o autor, é um continente pleno de enigmas que devemos aprender a enxergar e , para isso, temos que remeter à observação das suas antigas culturas e detectar traços no folclore e no artesanato de hoje.[11]

E chegamos ao número 15, Expressões Culturais em Latino-América. Este número é uma referência no tratamento dos temas artísticos na revista. Já não se trata de um comentário sobre tal ou qual artista ou obra de arte, isso que poderíamos chamar "*o enfoque mosaico*". Aqui o que aparece como tema é a criação cultural latino-americana como tal, e os três artigos que abordam manifestações artísticas como o teatro e a novela, o fazem desde esta perspectiva, procurando elementos comuns que possam se identificar como latino-americanos. Assim, Carmen Cristóbal em "*O novo teatro, tomada de consciência da realidade do continente*", alude a esta corrente surgida na América como uma nova maneira de fazer teatro, onde o espectador é tão protagonista quanto os atores, e não só se sente vinculado mas julgado pela situação que se representa.[12]

Abordagem similar se detecta em "*Qual é o papel da novela hispano-americana, hoje?*" de María Paz Aspe. A autora valoriza a novela surgida na América Latina entre 1950 e 1980 como expressão da maturidade das letras hispânicas, e como um aporte renovador da novela em língua espanhola, e faz uma consideração do compromisso sócio-político dos literatos hispano-americanos e de sua diversa maneira de concebê-lo. Muito interessante resulta a sua alusão ao debate entre o crítico socialista cubano Oscar Collazos, por um lado, para quem o compromisso do literato deve ser com a realidade e não com a literatura, e, pelo outro, os novelistas Cortázar e Vargas Llosa, para os quais, o primeiro compromisso é com a literatura e é nela que deve-se inovar primeiro para desde aí, contribuir a uma nova sociedade.[13]

Finalmente Elvira Palacios em "*Entre a solidão e o amor*", leva o leitor de mãos dadas através de "*Crônica de uma morte anunciada*" de Gabriel García Márquez para lhe fazer compreender o mundo desse autor e a sua visão da América Latina. O artigo é complementado pelo box "*As mentiras verdadeiras*" referido ao mundo literário de Vargas Llosa. Ambos os dois ajudam a compreender a maneira como estes dois autores vêem a ficção e a realidade, como os dois rostos do ser humano que se reclamam mutuamente para dar conta da verdade total humana. "*Na sua indiscernível mistura de coisas certas e forjadas de experiências vividas e imaginárias, o conto é uma das escassas formas -quiçá a única - capaz de expressar essa unidade que é o homem que vive e*

que sonha, o homem da realidade e o homem dos desejos."[14]

A sessão de criação deste número inclui uma seleção de textos de José María Arguedas realizada por Fabiola Luna, onde aparece outra grande vertente de inspiração artística americana: as expressões dos povos originários do continente. No artigo estas criações não são apresentadas em si mesmas mas são transmitidas através deste reconhecido escritor indigenista que abre espaço e empresta a sua voz.

Neste número acham-se introduzidos temas e abordagens que marcarão o rumo nas posteriores etapas da revista.

ARTE-VIDA

Em abril de 1985 a revista inaugura uma segunda época. As novas sessões revelam o desejo de se aproximar dos lugares onde a vida bate, onde se aponta ao novo e faz-se discernimento do perene das culturas de uma América claramente reconhecida pela sua pluralidade de etnias e pelo seu multiculturalismo. Manifestações artísticas dos povos originários da América e dos afro-americanos ocuparão um lugar muito significativo junto a expressões das culturas populares das cidades. A arte que é apresentada é a arte dos povos.

De agora em diante a crítica de arte, ou as páginas de criação literária incluem-se na sessão, "*Nuestra manera de hacer*" ("A nossa maneira de fazer") e no geral referem-se ao tema do número. Mas do que na forma expressiva em si, a ênfase é colocada na experiência vivida; a poesia é em si mesma um modo de construir realidade. Por exemplo, "*Capítulo para uma história*" narra com imagens fugazes e em forma de poema momentos do povo uruguaio no seu processo de abertura democrática.[15]

Um espaço para comentário de cinema, resenha de livros ou notícias de arte em geral destacam acontecimentos importantes para o mundo artístico latino-americano como o prêmio dado em Cannes a Norma Aleandro pela sua interpretação em "*A história oficial*", n.º 16, ou um comentário sobre Gregório, expoente do cinema peruano, popular e democrático, n.º 17. Em sucessivos números, as "*Cartas de Cin*" de Elvira Palacios comentam com tom coloquial e familiar, filmes de diversa procedência que são exibidos no momento. A ênfase é colocada no público da América Latina e não na origem, americana ou não, do filme.

A identidade latino-americana, no seu pluralismo e na sua continuidade, vai se descobrindo a partir destas manifestações que tanto contribuem para expressá-la e construi-la.

Nesta época e com esta nova ênfase, dedicam-se três números monográficos a temas sobre arte. Seus títulos são muito eloqüentes, como também são os anos em que eles aparecem.

"*Arte e liberdade*", n.º 12 desta segunda época, é editado em dezembro de 1987. O ciclo das ditaduras chega ao fim nos países do sul e a transição apresenta novos desafios frente aos quais a arte não fica alheia. "*Por que a arte*" é o título do editorial escrito por Maria Teresa Molina, em que aborda a relação entre criatividade, expressão artística e liberdade. "*O belo é forma viva, a beleza se transforma em liberdade. Está nas decisões dos homens e povos apagar o encontro por medo, intolerância ou repetição de histórias, ou abrir espaços de liberdade, de impulso, de transcendência para não sermos escravos ou morrer*".[16]

O artigo de Fidel Sepúlveda, "*Arte-vida, folclore, identidade latino-americana*" contrapõe a arte-objeto, acabada, cristalizada, à arte-vida que flui, inacabada, inorgânica, que é na realidade uma atitude simbólica diante da vida. O autor termina com uma alusão ao folclore como uma das principais manifestações desta arte-vida. Para ele, o folclore é expressão privilegiada da identidade latino-americana ao romper com o "*penso, logo existo*" e substitui-lo pelo "*sentir-imaginar-pensar comunitário*" que reflete nos seus rituais não só o passado, - seu ser - mas também o futuro, - sua



esperança/ser - dos povos originários da América.

Este conceito de arte-vida, ou arte-cultura, do que se fala neste artigo, mais um entre tantos, expressa no entanto, com grande clareza aquilo que percebe-se forjado como o enfoque próprio de Novamerica ao abordar os temas artísticos. Não vai atrás de expressões artísticas reconhecidas, afamadas. Sem desprezar estas, o importante estará sempre nessa unidade essencial entre a expressão artística e o coletivo cultural no qual surge, o processo histórico no qual se consolida, a vivência humana ligada ao seu entorno. Essa será a chave da apreciação e da leitura. Formas que poderíamos chamar menores de arte serão recolhidas e apresentadas. Assim, para citar um exemplo, emergentes de música popular como o huayno "*chicha*" é reconhecido, no artigo de Carlos Degregori, como expressão musical da população da serra peruana deslocada às grandes cidades e através do estudo destas formas musicais reconhece processos de democratização e ao mesmo tempo fissuras da sociedade peruana.



Foto João Ripper

A identidade latino-americana, no seu pluralismo e na sua continuidade, vai se descobrindo a partir destas manifestações que tanto contribuem para expressá-la e construi-la. Mitos, lendas e tradições, n.º 65 de Novamerica,[17] está direcionado exclusivamente a este trabalho. Nele Elizabeth Pereira de Souza desentranha o sentido profundo das lendas e mitos em diferentes estados do Brasil, fiel reflexo da mistura de culturas que constituem esse país. A sessão "*En la brecha*" inclui artigos de diferentes países americanos sobre crenças tão diversas como "*O caleuche ou barco das almas perdidas*" que é levado aos marinheiros e pescadores no mar do sul do Chile, até "*O familiar*", cão diabólico que cobra semeadores nas plantações de Tucumán, passando pela versão rio-platense de "*O lobisomem*", que não pode faltar nas conversas junto à fogueira das pampas. Aqui e ali entre as páginas do número, diferentes boxes narram crenças e mitos de diversas etnias latino-americanas pondo o leitor diretamente em contato com os retalhos de culturas autóctones para que falem por si mesmos, sem mais mediações. A arte-vida se expressa na beleza imaginativa destas expressões anônimas, criadas e recriadas pela alma popular que as mantém vivas não só como criações estéticas em si mas como partes integrantes da sua vida quotidiana.

A arte como profecia é a abordagem do seguinte número monográfico dedicado ao tema. Talvez seja dos números melhor realizado da revista dessa época. Desde a apresentação gráfica até a eloqüência dos títulos, todo comunica a mensagem central. As idéias expressadas pelos artigos de fundo encontram a sua confirmação naqueles que apresentam expressões e experiências dos mais diversos contextos do continente. O editorial, escrito pela então diretora da revista Raquel Bergeret, alude à arte como expressão de identidade, de resistência e de utopia. O conselho de redação da revista reuniu-se nesses dias no Chile com grupos de artistas populares e vibrou junto com eles com o impacto do seu potencial transformador. Sobre um destes grupos cita o editorial:

"*A arte é olhar e viver a realidade atuando nela. Ela nos permite ver as fendas íntimas que deixam os sistemas políticos nos indivíduos e nos povos, por isso é um método de análise, uma avaliação da história e dos povos e dos homens que a forjam.*"[18]

A arte é memória, é integração, é tribunal histórico, é comunicação e projeção do futuro porque "*não há silêncio que possa apagar a voz que nasce*", diz o artigo de Techi Molina. "*O encontro de sensibilidades mais do que de idéias poderá fazer que num momento os espíritos encontrem um vínculo e possam começar a escrever outra história. Criar ou morrer, essa é a ques-*

tão", reza a manchete do artigo "*Yo creo, tú creas*" de Ramiro Escobar de la Cruz.[19]

Expressões artísticas arraigadas na alma dos povos como o samba brasileiro, o tango e o carnaval do Uruguai, o muralismo boliviano, a ação de grupos como o Yampara na Bolívia ou uma organização de artesãos brasileiros para os quais o seu artesanato é um verdadeiro estilo de vida, são chamados a declarar como testemunhas de que na arte popular se expressa identidade e se lavra utopia. As criações literárias incluídas desde uma poesia do famoso escritor Juan Gelman até poemas de jovens de uma população de Santiago do Chile junto com letras de murgas e outras canções ilustram com contundência a tese defendida.

"Todavia cantamos" chama-se o número monográfico de arte que segue, em outubro de 1996. Quem é que ainda canta? Ou é o canto em si, aquele que está sempre presente e se abre a formas novas?

Passada a esperançada e curta euforia que iluminou muitos países latino-americanos nos processos de recuperação democrática, a segunda metade dos anos noventa mostrava os avanços do neoliberalismo instalado já no continente. O desencanto ameaçava fazer ninho em muitos corações que tinham sonhado com transformações de fundo. Certa promessa de prosperidade para alguns setores da sociedade podia escurecer a consciência das heráldicas injustiças, e alertava aos mais lúcidos sobre a ameaça que esta falácia significava para mudanças mais profundas baseadas no reconhecimento das diferenças culturais e o direito a uma vida digna para todos/as.

A sensibilidade plural e um pouco difusa que se chamou pós-moderna perpassa as manifestações das novas gerações nas culturas urbanas, e se difunde através dos meios de comunicação massiva. Novamerica reconhece a sua existência e lhe abre espaço, como mais um novo integrante nesta construção de identidade latino-americana, coro polifônico de variadas línguas. Ela é reconhecida mas não se permite que monopolize e sufoque outras vozes que estavam antes, que sempre correm riscos de ser sufocadas, que ainda cantam.

A poesia transformada em canção, de Mario Benedetti "*Usted preguntará por qué cantamos*" abre o número e sintetiza a sua intenção:

"Cantamos porque o grito não é bastante/ e nem é bastante o pranto nem a raiva
cantamos porque cremos nas pessoas / e porque venceremos a derrota
cantamos porque chove sobre o rego / e somos militantes da vida e porque não podemos nem queremos / deixar que a canção vire cinzas."

Como representantes deste canto que continua em pé, dá-se a palavra a expressões da arte popular de cantores jovens como Gabriel o Pensador e Copani, e a representantes da salsa venezuelana. Por outro lado, o sentir de muitos jovens que se sentem expressados em formas musicais acordes com a sensibilidade pós-moderna é claramente transmitido em "*Todavía cantamos, pero de otra forma*", artigo de Maria Noel Bergeret:

"Ainda cantamos mas sem tanta transcendência, nem moral da estória, nem discurso ideológico (...)". Diante da falta de palavras procuremos bons acordes. Isto é errado? É mais importante uma letra do que uma melodia? Quem é que pode julgar isto? (...) América sempre foi



Foto João Ripper

A beleza e expressividade das fotos, os primeiros planos dos rostos e as composições gráficas, que muitas vezes ocupam espaços consideráveis nas suas páginas, constituem verdadeiros poemas visuais.

um continente de ritmos festivos e portanto as pessoas também procuram a música para mover seus pés, para celebrar e dançar.[20]

UMA NOVA BUSCA

Em 1998, próximo do novo milênio, a revista entra numa nova fase. Mantém continuidade nos seus fins, centros de interesse, enfoques e compromissos. Mas aparecem novas abordagens e uma nova estética. Junto com um bilingüismo muito mais acentuado, deixa-se em evidência uma forte contribuição das ciências sociais no tratamento dos temas e sem a perda dos aportes mas vívidos que chegam da experiência. Continua o interesse pelas expressões artísticas da cultura popular que compartilham espaço com as criações mais elaboradas de artistas e literatos americanos de fama.

No número dedicado a Pluralismo Cultural foi incluído um artigo sobre "*Samba e cultura brasileira*" onde se questionam origens, história e evolução desta forma musical que é ao mesmo tempo, manifestação afro-brasileira e música nacional do país. "*¡Viva a cultura viva!*", diz a manchete introdutória do artigo. [21]

Fiel à tradição de deixar a poesia expressar na sua brevidade e contundência aquilo que a prosa diz mais extensamente, poemas e canções encontram-se incluídos nos diversos números da nova época. Benjamín González Buelta embeleza com alguns dos seus poemas o número de Espiritualidade, e a contracapa do n.º 91 que comemora os 25 anos da revista é composta por breves textos poéticos de diversos países. Não faltam resenhas de livros de autores latino-americanos como Eduardo Galeano e Carlos Fuentes[22], e a comemoração dos 100 anos do nascimento de Borges.[23]

A sétima arte ganha certo espaço. Na sessão "*Mosaico*" de vários números aparecem resenhas sobre filmes latino-americanos relacionados com o tema central. E pela primeira vez, no número Sociedade e Culturas, é incluído um artigo sobre o cinema latino-americano como tal. Nele Rosália Duarte traça uma panorâmica histórica do mesmo e reconhece seu importante papel tanto na difusão e auto-reconhecimento das diferentes culturas que se cruzam na região, quanto na preservação do seu patrimônio artístico e cultural. [24]

Embora não haja nesta terceira época nenhum número monográfico dedicado à arte - o que seria muito desejável - é bom destacar que uma nova forma artística está fazendo parte orgânica da revista e está portanto, presente em todos os números: a fotografia. A beleza e expressividade das fotos, os primeiros planos dos rostos e as composições gráficas, que muitas vezes ocupam espaços consideráveis nas suas páginas, constituem verdadeiros poemas visuais que comunicam, interpelam, recriam ou impressionam os leitores/as como uma expressão a mais da arte-vida que Novamerica tenta rastrear através dos seus cem números. ●

Las situaciones y los acontecimientos vividos esta última etapa exigieron a Nuevamerica dar un paso en madurez: definiciones más claras, posturas más arriesgadas, temas candentes. Nuevamerica caminó con menos miedos, con esperanza, con la mirada en el futuro. Sintió con más fuerza que nunca el dolor de los excluidos y gritó por ellos. Se empeñó en construir desde una postura democrática, desde una mayor justicia y desde un hondo anhelo de paz.

Nora Rosso, (ex)diretora da revista, Argentina

1 N.º 1, outubro 1976, pág. 79.
2 N.º 4, abril 1978, pág. 112.
3 Valencia Solar, Juana Ma. em N.º 3, setembro 1977, pág. 85.
5 N.º 14, julho 1981, pág. 65.
6 N.º 9, setembro 1979, pág. 73.
7 N.º 22, março 1984, pág. 67: "O teu sangue, Luis Espinal, / não é a voz da vingança, é a semente e o anúncio / de um Homem Novo e Cristão / num mundo muito mudado").
8 N.º 3, págs. 11 e 31.
9 N.º 4, abril 1978, pág. 21.
10 N.º 2, março 1977, pág. 78.
11 N.º 12, novembro 1981, pág. 23.
12 N.º 15, novembro 1981.
13 Idem., pág. 15 ss.
14 Idem., pág. 39 ss.
15 N.º 1, 2 época, abril 1985.
16 N.º 12, dezembro 1987.
17 N.º 65.
18 N.º 59, agosto 1993, pág. 3
19 N.º 71, outubro, pág. 10.
20 N.º 71, outubro, 1996, pág. 10.
21 Gonçalves e Lima, César Augusto. "Samba e cultura brasileira", em N.º 82, junho de 1999, pág. 46 ss.
22 N.º 77, abril 1998, págs 53 - 53.
23 Poirier, Ma. José. "Homenaje a Jorge Luis Borges", no n.º 83, setembro 1999, pág. 62.
24 Duarte, Rosália, "Cinema Latino-americano: estratégias de auto-reconhecimento", no n.º 96, dezembro 2002.

EDUCAÇÃO

Qualquer tentativa de fazer um balanço da trajetória percorrida por Novamerica ao longo dos últimos 27 anos, não pode prescindir de destacar o papel central atribuído pela sua linha editorial aos temas relativos à Educação. Implica considerar, também, o reconhecimento da dimensão política e cultural inerente às práticas educativas no processo de construção de projetos sociais. No texto se sublinham as tendências, temáticas e perspectivas teóricas que estiveram presentes no percurso, assim como se busca apontar linhas de continuidade e de ruptura.



Foto João Ripper

EM REVISTA

Carmen Teresa Gabriel
Vera Maria Candau
Brasil



Nesse aniversário do centésimo número da revista Novamerica, qualquer tentativa de balanço da trajetória percorrida, não pode prescindir de destacar o papel central atribuído pela sua linha editorial aos temas relativos à Educação em geral e à Educação na América Latina, em particular. Desde os primórdios de sua publicação, na segunda metade da década de 70, o interesse pelas questões educacionais se faz presente, justificando a inclusão, já nos seus primeiros números, de artigos sobre essa temática que pouco a pouco passam a ocupar um espaço cada vez maior no âmbito dessa revista – como ilustra o quadro abaixo - constituindo-se, em diferentes ocasiões, temática central em torno da qual se organizaram algumas de suas publicações.

Basta uma primeira leitura dos diferentes artigos publicados ao longo desses anos para nos darmos conta de que a presença dessa temática, a despeito dos enfoques e das perspectivas teóricas do campo educacional privilegiadas, como veremos a seguir, deve ser vista antes de tudo como uma das diversas portas utilizadas por esse meio de comunicação para participar de uma discussão política e cultural mais ampla em torno da construção de projetos de sociedades mais justas e democráticas para a América Latina. Mais do que uma *"revista da área de educação"*, Novamerica se apresenta desde o início – e se afirma gradativamente – tanto como um espaço de denúncia das injustiças preconceitos e desigualdades sociais como de reflexão, debate e divulgação de experiências, propostas e informações que por diferentes caminhos procuram contribuir para superar os desafios colocados no cotidiano dos homens e mulheres das classes sociais menos favorecidas que compartilham as tensões que perpassam essa *"Pátria Gran-*

QUANTIDADE DE ARTIGOS/REVISTAS SOBRE EDUCAÇÃO (1976-2003)

Período	Nº de revistas com artigos sobre educação	Nº de artigos sobre educação	Nº de revistas temáticas relativas à educação
1976-1979	7	15	-
1980-1989	27	77	5
1990-1999	26	88	5
2000-2003	12	40	1
Total	**72**	**220**	**11**

de". As questões que giram em torno da educação são, nesse sentido uma, entre outras, frente de luta que encontram nessa publicação um terreno favorável. Essa consideração inicial é importante na medida em que, ao invés de minimizar a importância atribuída à temática educacional pela revista, permite explicitar o seu reconhecimento em relação à dimensão política e cultural inerente às práticas educativas no processo de construção de projetos sociais.

Nesse momento de celebração, propomos assim, retraçar as formas como essa *"frente de luta"* particular vem sendo (re)elaborada nesse espaço informativo, procurando identificar as permanências e transformações que, ao longo desses anos, contribuíram para a caracterização de alguns traços marcantes da identidade dessa revista construída e reconstruída em permanência tendo como base um comprometimento explícito e crítico com as questões sociais, políticas, culturais e religiosas que afligem o continente latino-americano.

O objetivo desse artigo é dessa forma, resgatar em linhas gerais um pouco dessa história que foi sendo construída entre essa revista e a Educação, sublinhando as tendências, temáticas e perspectivas teóricas que estiveram presentes nessa caminhada, bem como procurando apontar linhas de continuidade e de rupturas nesse diálogo em que - a despeito das mudanças gráficas, do surgimento e desaparecimento das inúmeras rubricas no decorrer do percurso, das tônicas diferenciadas na abordagem de temas educacionais - a constância foi e continua sendo uma de suas marcas registradas.

Para tal, selecionamos e analisamos os artigos publicados nesses últimos 27 anos cujo objeto de reflexão está relacionado ao tema da educação, correspondendo a um total de 72 revistas e 220 artigos, sendo 11 revistas temáticas. Com o intuito de melhor captar e visualizar

Em termos de enfoques mais especificamente relacionados ao campo educacional é possível perceber uma variedade de olhares vindos de horizontes teóricos distintos.

essa trajetória, optamos por acompanhar esse movimento década por década destacando os contextos históricos onde emergem os eixos centrais em torno dos quais as questões educacionais deram origem aos diferentes artigos publicados.

OS ANOS 70: O INÍCIO DA CONVERSA

Durante os últimos quatro anos da década de 70, foram publicados 15 artigos sobre educação, distribuídos em 7 revistas editadas ao longo desses quatro anos. Apesar da heterogeneidade em termos de enfoque e temas relativos à Educação, é possível detectar já nesse período inicial o esboço de algumas linhas de reflexão mais gerais na orientação do olhar sobre o campo educacional que se consolidarão na década seguinte. Entre elas destacam-se: a ênfase no enfoque terceiro-mundista para tratar das questões de ordem econômica, socio-política e cultural do continente latino-americano e a forte presença da ótica religiosa nesse enfoque a partir da identificação com os princípios cristãos da Teologia da Libertação em plena expansão nessa época na América Latina. Considerando o contexto político do final da década de 70 nesse continente, importa sublinhar a dimensão pioneira e ousada de um espaço de denúncia comprometido com a transformação social, em um momento onde a construção de uma sociedade democrática ainda que apenas em termos políticos, encontrava-se no horizonte de expectativa de alguns grupos sociais, longe de constituir-se como uma realidade cotidiana vivida pelas populações desses países.

Em termos de enfoques mais especificamente relacionados ao campo educacional é possível perceber uma variedade de olhares vindos de horizontes teóricos distintos como o da psicologia, da filosofia e da sociologia. Essa pluralidade de enfoques não impede todavia, que temas como justiça, emancipação e reprodução social comecem a se esboçar como as palavras-chaves centrais nas grandes linhas mestras dos anos 80, deixando entrever, ainda que de maneira tímida, a influência de alguns pressupostos da perspectiva da teoria educacional crítica em processo de afirmação no âmbito do campo educacional.

OS ANOS 80: A EDUCAÇÃO COMO ARMA DE LUTA CONTRA A OPRESSÃO

A década de 80, se comparada com os anos 70, como mostra o quadro acima, testemunhou um aumento quantitativo significativo de artigos sobre educação publicados nessa revista. Uma análise qualitativa sobre os temas e enfoques privilegiados nesses 77 artigos permite constatar – não obstante as diferenças em termos de grau de profundidade no tratamento das diferentes temáticas e/ou no que se refere às ênfases diferenciadas sobre determinados aspectos - a presença indubitável e constante de um engajamento político expresso na tentativa de caracterizar o papel da educação e da escola na luta contra

a desigualdade social através de publicações ao longo desses dez anos que convergiram em torno de três temáticas independentes, mas intimamente relacionadas e que emergem com força nesse período: justiça social, educação libertadora e educação popular.

Os títulos das cinco revistas temáticas sobre educação publicadas ao longo dessa década reforçam essa afirmação: Educar para justiça (julho de 1980); Educar para transformar (março de 1982); Educar para quê? (junho 1983); Educação Popular, (dezembro 1986) e Necessito aprender - um direito negado, (junho 1988).

Em termos de contexto histórico latino-americano mais amplo, essa década está marcada pela visibilidade da contradição entre crescimento econômico de um lado e aumento da miséria das populações menos favorecidas de outro. Esse acirramento das desigualdades entre povos e classes sociais tende a contribuir para a intensificação das lutas contra os regimes de opressão e a implosão de diferentes movimentos populares reivindicatórios, colocando em cheque algumas teorias e concepções de mundo que até então tinham predominado nas análises sobre os países ditos *"subdesenvolvidos"*, ou do *"terceiro mundo"*.

Essas contradições e questionamentos encontraram eco na revista Novamerica que abre um espaço para as críticas direcionadas a certas leituras de mundo tanto do ponto de vista socio-político econômico como religioso e suas implicações na forma de pensar a prática educacional. Entre os alvos mais visados dessas críticas nos artigos analisados podemos sublinhar as direcionadas as teorias desenvolvimentistas baseada exclusivamente no parâmetro do crescimento econômico bem como as críticas orientadas a uma certa maneira de perceber e entender o papel da Igreja católica que tende a negar e/ou minimizar o seu comprometimento com a libertação dos povos oprimidos. No que se refere ao primeiro alvo mencionado, tratava-se de pensar a questão de desenvolvimento em uma perspectiva mais ampla, capaz de integrar todas as dimensões da vida humana de forma que fossem incorporadas igualmente outras noções como por exemplo as de *"justiça social"*, *"igualdade social"*, *"democracia política"* como critérios indispensáveis na avaliação do grau de desenvolvimento dos países avaliados. No âmbito da educação, tratava-se pois, de pensar os limites e alcances da prática educacional na realização desse projeto de desenvolvimento.

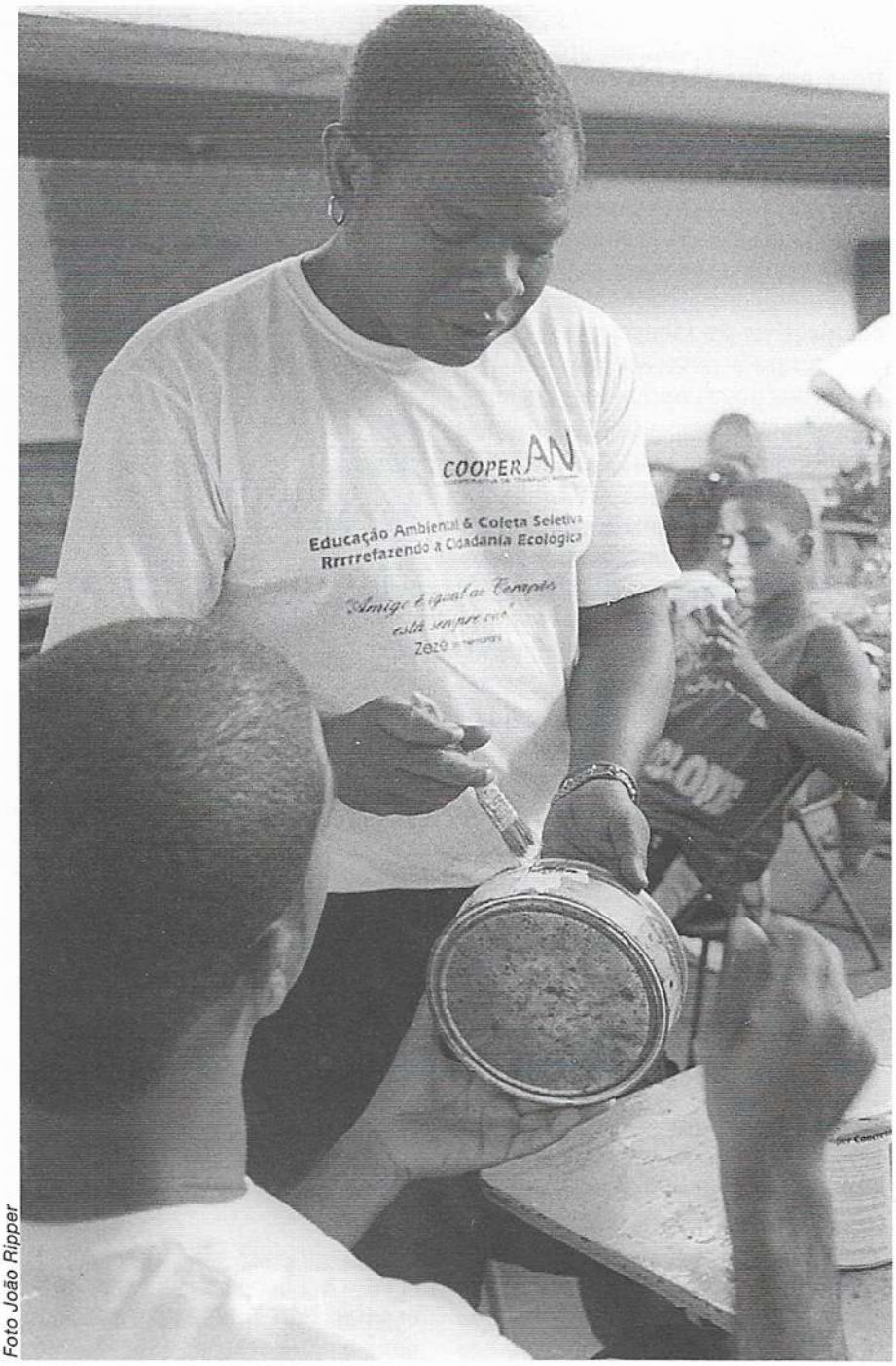


Foto João Ripper

Em termos das concepções de igreja e de educação religiosa os artigos em questão trazem as marcas da Conferência de Puebla , onde as discussões em torno dos temas da justiça e da fé cristã e suas implicações na educação explicitaram as tensões no seio da própria igreja católica lationo-americana entre duas correntes: uma, conhecida como a perspectiva da Libertação - para a qual a igreja deve atender aos clamores dos povos oprimidos, assumindo-se como porta-voz da denúncia da opressão e uma outra, mais tradicional e conservadora, para a qual a Igreja deveria estar mais voltada para os problemas da sua própria vida, limitando o seu papel à construção da comunidade eclesial.

Os diversos artigos que abordam as articulações possíveis e necessárias entre educação e desenvolvimento, educação e igreja, educação escolar formal e educação popular não formal, ou que relatam experiências que procuram colocar em prática as intencionalidades e finalidades educacionais na perspectiva assumida e privilegiada pela linha editorial da revista vão traduzir de uma forma ou de outra a tomada de posição de seus/suas autores/as frente a essas tensões e concepções diferenciadas.

É nessa perspectiva que se inserem as análises - em especial na primeira metade da década - sobre, por exemplo, o conceito e a perspectiva da educação evangelizadora na linha defendida e preconizada por Pedro Poveda, a importância da assunção do humanismo cristão nas práticas pedagógicas tendo como base o debate em torno de certos valores considerados como universais e inerentes à *"condição humana"*, ou ainda a educação popular e em especial a alfabetização de adultos das classes populares e rurais bem como a educação das populações indígenas. Todos esses artigos têm em comum a presença de uma reflexão sobre caminhos alternativos para repensar e efetivar no cotidiano das populações um projeto de sociedade mais justa e igualitária que incorporasse no presente histórico vivido as memórias, sonhos e expectativas não mais apenas dos grupos vencedores, mas também daqueles que entraram para a história oficial como vencidos.

Essa ênfase nas questões de justiça e libertação social fez com que a reflexão sobre a educação extrapolasse os limites da instituição escolar. Não é por acaso que a abordagem das questões educacionais na maioria dos artigos publicados nos anos 80 nessa revista centraram suas reflexões no âmbito da educação não formal seja no meio rural como urbano, através da temática das escolas comunitárias.

Não é por acaso que a abordagem das questões educacionais na maioria dos artigos publicados nos anos 80 nessa revista centraram suas reflexões no âmbito da educação não formal.

A década de 80 se encerra, no entanto, com uma tendência marcante de reorientar as temáticas privilegiadas até então no âmbito não formal, para dentro da escola. A ênfase na preocupação com às questões de educação não formal cede lugar pouco a pouco a partir dos últimos dois anos da década de 80 para pensar também a instituição escolar e/ou universitária e os seus respectivos papéis no reforço do *status quo* ou na transformação da sociedade. Dessa forma, artigos sobre a temática da responsabilidade da escola no fracasso escolar, da pertinência e necessidade política da defesa da escola básica, o papel



a ser desempenhado pela educação permanente ou ainda a necessidade de se pensar uma educação escolar para a paz publicados ainda no final desse período anunciam de certa forma a reorientação do olhar no sentido de incluir na análise da prática educacional transformadora o terreno da educação escolar, como campo potencialmente fértil a partir do qual se pode e se deve também pensar na concretização de uma educação libertadora na perspecti-

va da teoria educacional crítica.

OS ANOS 90: EDUCAÇÃO ESCOLAR E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: QUE CAMINHOS BUSCAR?

Em termos quantitativos a década de 90 confirma a ampliação do lugar ocupado pela temática da educação ao longo da trajetória dessa revista. Apesar do número de revistas ter sido ligeiramente inferior à década anterior e o número de publicações temáticas ter sido o mesmo, na totalidade, o número mais elevado de artigos relativos às questões educacionais publicados no mesmo período de dez anos é suficiente para sustentar essa afirmação.

Como na época anterior, as abordagens privilegiadas de determinadas temáticas educacionais vão refletir não apenas as opções políticas da linha editorial responsável pela marca identitária da revista Novamerica como também as questões que caracterizam o contexto histórico mais amplo no qual essas temáticas são pensadas. Essa constatação pode ser conferida na análise quantitativa e qualitativa do fluxo de publicações desse período. De uma maneira geral, torna-se possível afirmar que as estratégias políticas, sociais, econômicas e culturais de implementação do projeto neoliberal nos países da América Latina constituíram o pano de fundo a partir do qual foram pensadas as questões educacionais nessa fase da sua trajetória.

Interessante observar que os efeitos da consolidação hegemônica desse projeto não foram perceptíveis de imediato no início dos anos 90. De fato, a análise dos artigos publicados nos dois primeiros anos da década indica muito mais uma continuidade da abordagem privilegiada na década anterior. Embora articulados com questões emergentes no campo da educação como a problemática dos Direitos Humanos ou a reflexão sobre o papel social a ser desempenhado pelas Universidades, os 24 artigos publicados nesse dois anos enfatizam os caminhos possíveis para pensar a educação como catalisadora das transformações sociais almejadas. As duas revistas temáticas publicadas nessa época - Educação e direitos humanos (dezembro de 1990) e Universidade: função social (dezembro de 1991) - sinalizam o reconhecimento do espaço educativo formal e não formal como espaços de luta e de esperança na construção de um mundo mais solidário e justo. A possibilidade de pensar a construção do currículo escolar à luz de valores, como liberdade, igualdade, auto-determinação e cultura, defendidos na Declaração Universal dos Direitos Humanos, repensar a Universidade em termos democráticos, o significado e função política dos seus cursos de extensão



Foto João Ripper



Foto João Ripper

As mudanças percebidas nessa virada de século se dão muito mais na possibilidade de outras escolhas de armas e na ampliação dos campos de luta.

direcionados para a inclusão social de trabalhadores das comunidades carentes, o papel político da Universidade Católica, etc., são exemplos de enfoque e/ou temas que se destacaram entre as publicações no início dessa década.

Nos meados dos anos 90 é possível perceber todavia, uma nítida diminuição quantitativa de artigos sobre a temática educacional: apenas 22 artigos e uma revista temática Educação para uma nova América (junho de 1993), - no período de quatro anos (de 1992 a 1996) deixando entrever a possibilidade dessa diminuição explicar-se pelos efeitos do contexto político desmobilizador do projeto neoliberal em plena fase de consolidação. Essa hipótese assume maior consistência quando analisamos os artigos publicados a partir de 1993 até o final dessa década. Com enfoques diferenciados eles procuram se posicionar criticamente sobre as implicações e efeitos mais ou menos diretos desse projeto no âmbito da instituição escolar. As duas publicações temáticas Reformas Educativas (junho de 1996), Educação em debate (dezembro de 1997) ilustram bem essa preocupação e dão a tônica das linhas de reflexão sobre as questões educativas de grande parte dessa década.

Os 16 artigos sobre educação publicados nos dois últimos anos da década de 90 pela sua variedade temática e posicionamento crítico traduzem bem tanto a permanência dessa linha de resistência e de luta coerente com a proposta mais geral da revista como deixa entrever os sinais da incorporação e (re)elaboração no campo educacional dos *"novos tempos e novas crises"* que marcam a passagem do milênio e que tendem a assumir uma centralidade no início dos anos 2000. É nesse sentido que temáticas mais clássicas de emancipação social e política como o desafio de educar em direitos humanos, a necessidade de articular no âmbito das práticas educativas qualidade e igualdade ou a perspectiva de educar para a cidadania coexistem com artigos que já incorporam a centralidade da dimensão cultural das práticas educacionais considerada como uma forma de luta indispensável na construção de uma escola mais democrática e justa. À luta contra as desigualdades sociais acrescenta-se

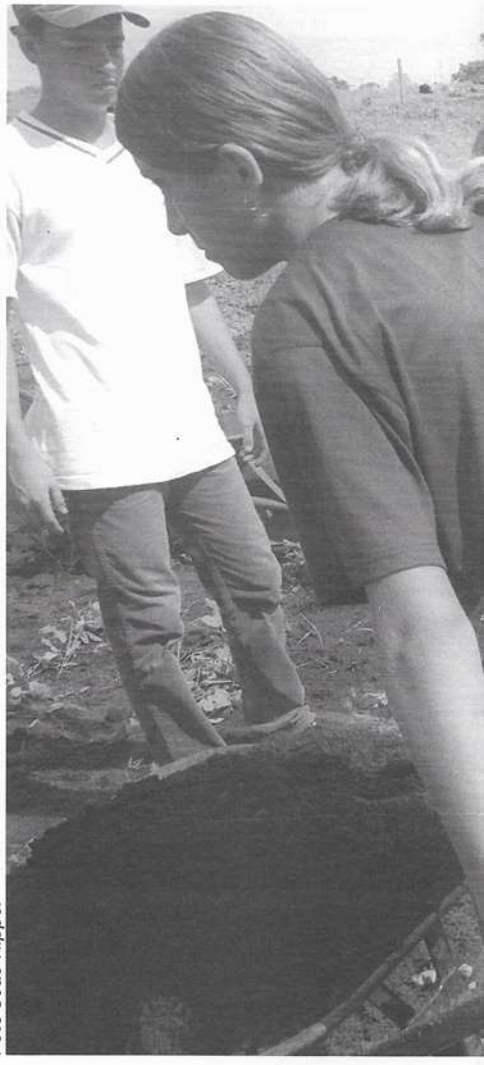


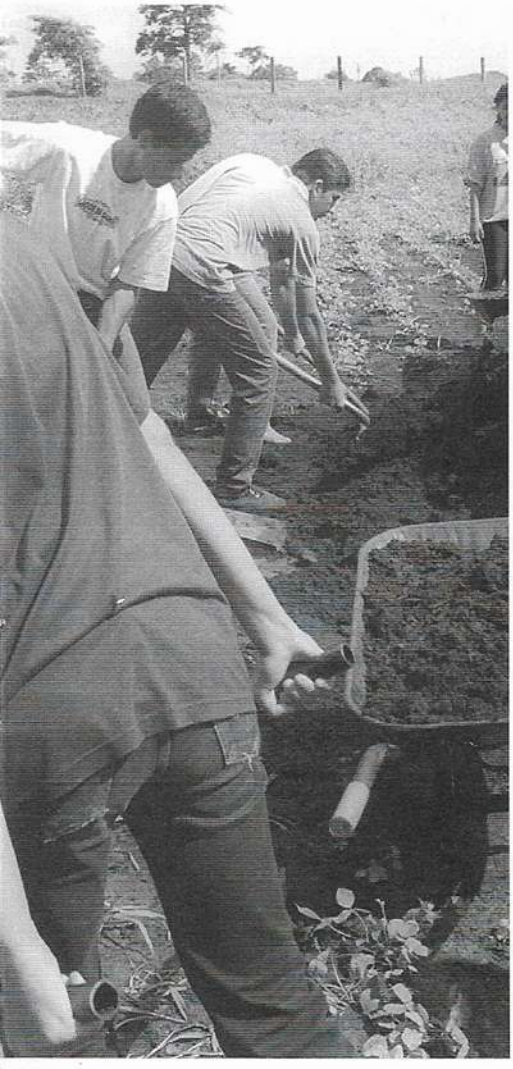
Foto João Ripper

assim, a defesa das diferenças culturais implicando na busca de novos caminhos para lidar com as questões suscitadas pela perspectiva cultural no seio da teoria educacional crítica.

OS ANOS 2000: NOVOS TEMAS, NOVAS ARMAS E LUTAS ANTIGAS

O volume de publicações de artigos sobre educação nos quatro primeiros anos desse novo milênio, como mostra o quadro, confirma a tendência crescente do lugar de destaque atribuída a essa temática. Cada vez mais a educação se afirma nessa revista como um espaço de luta importante e indispensável na construção de um projeto político de sociedade menos dogmático e comprometido com a transformação e emancipação política. As mudanças percebidas nessa virada de século se dão muito mais na possibilidade de outras escolhas de armas e na ampliação dos campos de luta. Dessa forma temáticas como interculturalidade, multiculturalismo, cultura jovem, gênero, ética, preconceito racial, etc são articulados à temática educacional e integrados a uma lógica de resistência mais ampla , passando a conviver com temáticas mais clássicas ainda que em uma perspectiva transformadora como indicam a publicação recente de artigos sobre o significado da relação entre espiritualidade e educação, a educação para a paz e em direitos humanos. Educar em tempos difíceis, título da revista temática de março de 2003 traduz bem o desafio a ser enfrentado na atualidade.

Essa breve reconstituição da trajetória da revista Novamerica a partir do diálogo estabelecido com a temática educacional não deixa dúvidas sobre a sua pertinência e necessidade como espaço informativo e reflexivo, sempre antenada com as questões de seu tempo, bem como uma arena de luta, lugar de resistência contra as diferentes formas e sutilezas que assumem a opressão e a injustiça. ●



Los últimos años no he seguido bien la revista y sin embargo me queda la impresión de que algunos de sus artículos me han abierto a un horizonte que no me era familiar o no lo había pensado desde los mismos parámetros.
Por ejemplo sobre educación partiendo de la situación del pueblo y no sólo de los niños a instruir. También algunos artículos sobre la deuda externa me aportaron elementos muy valiosos de reflexión y compromiso. Algunos sobre mundialización, aunque creo que a veces pueden tener la tentación de diabolizar demasiado a los EEUU y hacer creer que ellos son los únicos responsables de nuestra situación; aunque estoy convencida de que el sistema capitalista es fuente de muchos de nuestros males, pero no de todos. Ni todo lo que no es capitalismo está exento de responsabilidad en la situación de nuestro mundo. El análisis implacable de las consecuencias y fundamentos de dicho sistema será tanto más creíble cuanto sus páginas eviten dividir al mundo en buenos y malos. Me hubiera gustado tener más tiempo y buscar otros artículos que me impactaron para citarlos más concretamente pero me ha sido imposible. Agradezco mucho el trabajo de la Revista y su deseo de conectar con los lectores, aunque a veces no respondamos a sus interpelaciones.

Elena Cenit, assinante, España

Compromisso com a eqüidade!

Ángeles López[1]
México



Foto João Ripper



Foto João Ripper

O tema da mulher está presente na Novamerica desde os primeiros artigos de 1976, recém celebrado o Ano Internacional da Mulher, pondo em discussão a integração feminina à vida pública. Seguindo a evolução dos debates, relações de poder, identidade e discriminação foram alguns dos temas abordados. E o caminho é longo, posto que ainda não conquistamos a cidadania plena. Por isso, Novamerica deve seguir lutando pela transformação desta sociedade patriarcal.

São 100 números. Diríamos que está na maturidade, exercendo experiência e capacidades.

Como em qualquer comemoração, é hora de fazer um inventário do que já foi vivido. Motivo de festejo e também de avaliação. Oportunidade de olhar para trás e reconhecer as contribuições e os novos desafios.

É hora de voltar os olhos para a origem, porém com a satisfação dos avanços obtidos. Novamerica: em seu nome, como nos batismos, foi definido o seu destino. Apostou em um mundo diferente, em uma alternativa.

Suas atividades abrangem não só o protesto, mas também a proposta. Diante do mundo atual, que nos diz que a receita é dolorosa mas que não há outra, Novamerica disse, ao longo destes 100 números, que existe, sim, outro modo de ser, de estar, de pensar, de sentir, de integrar-se globalmente.

Foi também motor importante para a construção de pensamento e de força social.

Uma constante desta revista é estar sempre atenta aos sinais dos tempos; por isto não faltou espaço para a análise da posição das mulheres e, por conseguinte, para a análise do gênero como ingrediente da existência de um mundo democrático e eqüitativo.

É fácil falar de 100 números, mas eles representam o concurso de inúmeros esforços, pessoas, experiências, análises, reflexões e propostas para um diálogo de múltiplas vozes.

De 1976 até hoje, podemos observar um fio condutor impregnado de princípios éticos: solidariedade, ampliação de liberdades, eqüidade, empoderamento para viver melhor e não para oprimir.

A PROBLEMÁTICA DAS MULHERES

Desde de 1976, os primeiros artigos, logo após a comemoração do Ano Internacional da Mulher (1975), já abordavam essa questão e colocavam em debate a progressiva integração das mulheres à vida pública. Os artigos mais recentes fazem uma análise da violência contra as mulheres em suas diversas manifestações: sexual, doméstica, econômica e estrutural. De 1976 até hoje, podemos observar um fio condutor impregnado de princípios éticos: solidariedade, ampliação de liberdades, eqüidade, empoderamento para viver melhor e não para oprimir.

Um ponto chave da Novamerica é que, para sair de ... terá de ter acesso a ...

Neste sentido, podemos desfrutar de experiências emblemáticas e significativas de mulheres que, no plano pessoal e como sujeito coletivo, dão-nos testemunho de caminhos de eqüidade e diversidade sem supremacia.

Nestes 100 números, encontram-se reflexões filosóficas, análise teóricas de gênero, colocações sobre a discriminação como experiência de vida para as mulheres de nosso continente; debate-se relação entre gênero e democracia, ações de conscientização com mulheres, experiências de participação pública, denúncia dos obstáculos que as mulheres enfrentam.

Também estão presentes a proposta e o desenvolvimento de alternativas para obter uma melhor qualidade de vida.

Os primeiros números ainda eram permeados pela idéia de mulher e de reivindicações de direitos iguais aos homens; com o transcurso dos números, surgem novos tema vinculados à globalização, à discriminação, à igualdade de oportunidades, à influência sobre políticas públicas, ao debate sobre a lei de quotas, propostas sobre transversalidade da temática de gênero na educação.

Assim sendo, podemos ler análises a partir da categoria de gênero e do enfoque de relações de poder, de relações estruturais que nos colocam diante véu da igualdade e nos dão ferramentas e chaves de reflexão para distinguir um mundo misto de um mundo com eqüidade.

Podemos afirmar que não é verdade que *"querer é poder"*, pois muitas querem mas não podem; então entramos no terreno do poder. Aprendemos que querer é importante, mas não basta. Também será preciso ter poder. Aprendemos que os processos de transformação começam na consciência pessoal, passam pelo mercado e continuam nos movimentos sociais para exercer um impacto sobre o desenvolvimento, a democracia e a cultura.

Todas estas páginas dão testemunho da capacidade de organização, da ousadia e do saber fazer das mulheres latino-americanas e do Caribe. Falam-nos da diversidade: mulheres operárias, donas-de-casa, promotoras, camponesas, emigrantes, universitárias, negras, desempregadas e artistas.



Foto João Ripper

É uma contribuição política que também se somou à nossa identidade de mulheres. Identidade que ainda passa pela maternidade e pelo papel dentro da família. As que não cumprem estas tarefas são avaliadas como mulheres incompletas ou traidoras dos valores fundamentais.

EQUIDADE DE GÊNERO

Um ingrediente dos diversos artigos foi a discriminação como experiência de vida das mulheres. Discriminação trabalhista, educativa, no terreno da saúde e nas leis.

Novamerica deve continuar transitando pela via do desenvolvimento de cada mulher, que passa por pensar em nós mesmas e a partir daí ter um impacto na democracia, na



Esta Revista la conocí en el año 2000 a través de los buenos oficios de María Inés Wuth, quien me mostró por primera vez la publicación, me pidió alguna colaboración y me incorporó como asesor internacional del 2002. Yo he aceptado gustoso este vínculo pues me parece que en lo esencial esta Revista Novamerica responde a las cuestiones significativas que se debaten en un América Latina, que integrando armoniosamente el mundo castellano y brasileño, se siente comprometida con una 'Patria Grande'. Lo primero que me impactó positivamente es que es una Revista que en un mundo cada vez más pesimista, se atreve a auto adjetivarse como Novamerica, que ella no sólo cuestiona las situaciones dramáticas que afligen a nuestros pueblos latinoamericanos, sino que entrega poderosas "razones para creer" en la gestación de una tierra nueva. Y un cielo mundo nuevo. Lo segundo que me llama la atención es su gráfica y un estilo rápido para entregar las grandes cuestiones de nuestro tiempo para la Patria Grande. Esperando que con este numero 100 esta publicación siga creciendo y distribuyéndose en cada uno de nuestros países.

Ricardo Salas, colaborador, Chile

justiça, na eqüidade e na diversidade. Mas adjetivada, pois hoje sabemos que a neutralidade não existe. Continuaremos apostando na construção da democracia de gênero, na justiça e na eqüidade de gênero, comprometidas com a mudança da condição de opressão de mais da metade da humanidade.

É preciso continuar dizendo que o modelo neoliberal que estrutura as sociedades atuais só favorece os direitos do dinheiro e não os direitos das pessoas; que só beneficiam alguns poucos e são os causadores da miséria, da morte, da fome, da doença e da exclusão de muitas e muitos. Hoje podemos dizer, sem medo de errar, que a pobreza tem rosto de mulher.

Ainda não conquistamos a cidadania plena. Temos direitos, mas não todos. Os direitos sexuais e reprodutivos continuam sendo uma aspiração para as mulheres. E a violência, uma marca da casa. Os direitos conquistados encontram-se ameaçados diante dos processos de integração econômica neoliberal.

Em um mundo privatizador, as mulheres estão assumindo maior carga e intensidade de trabalhos que são de responsabilidade do Estado, como o cuidado e o atendimento às crianças, aos doentes, aos anciãos.

Novamerica deve continuar no caminho da transformação deste mundo patriarcal, incentivando a construção da solidariedade entre as mulheres.

Muito obrigada a todas essas mulheres que, na cozinha, na fábrica, nas manifestações, no campo ou na universidade, contribuíram, com sua rebeldia, para que pudéssemos exercer os nossos direitos.

Contamos com ferramentas que nos permitem continuar avançando, como a Plataforma de Ação de Beijing, a Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher (CEDAW) e seu protocolo facultativo.

Com esse espírito e com todas essas mulheres comemoramos estes 100 números.

Que a luta pela eqüidade deixe de ser contracultura, minoria e dissidência e passe a fazer parte da cultura, do ambiente, do ar, dos usos e costumes da nova sociedade democrática com a qual estamos comprometidas. •

1 Mexicana. Advogada trabalhista, assessora de sindicatos democráticos, fundadora da Rede Nacional Milênio Feminista, secretária do Centro de Direitos Humanos "Victoria Diez, A.C."

Com um ouvido povos e outro

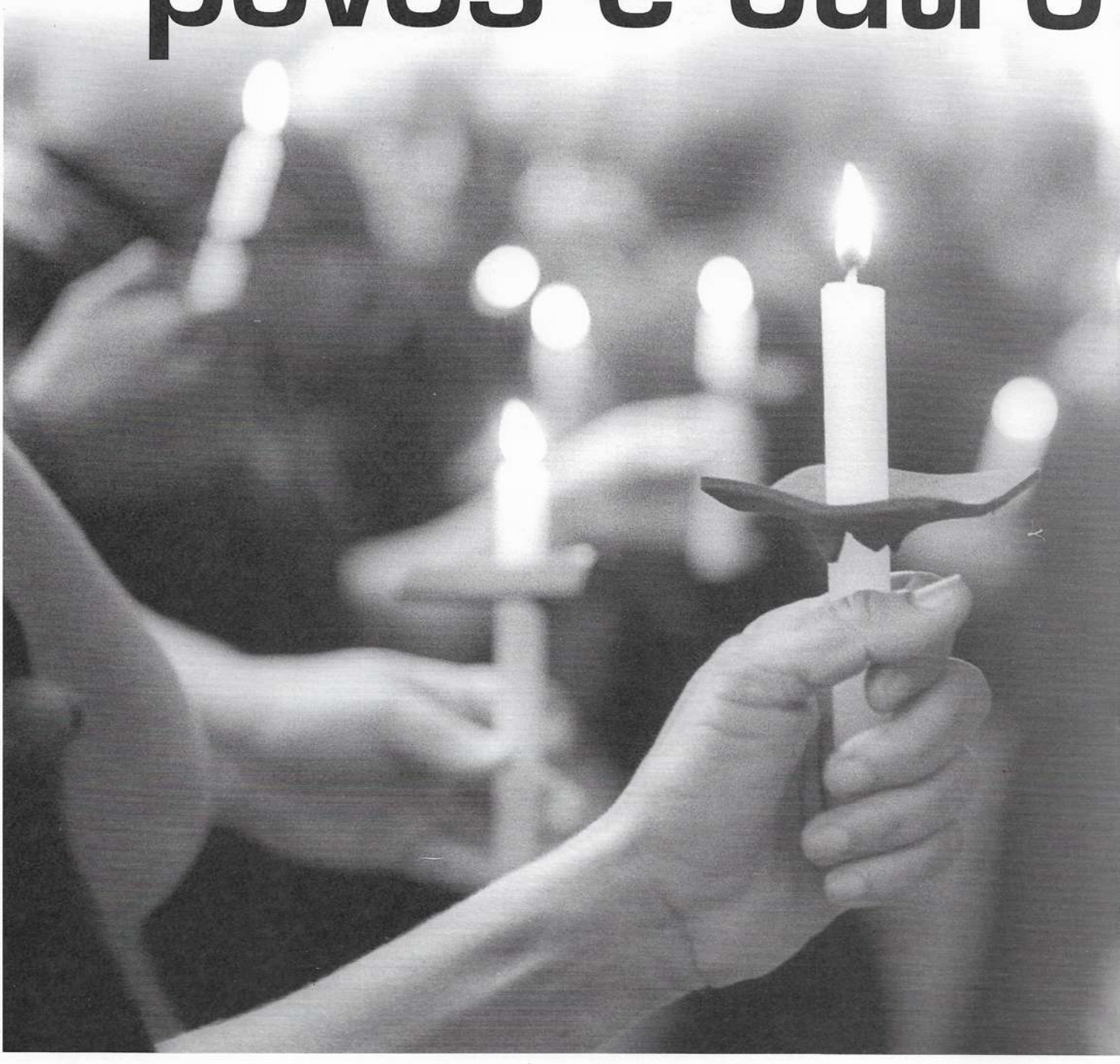


Foto João Ripper

no Deus dos nos povos de Deus

Mary Larrosa
Uruguai

Apesar de que, no que se refere ao tema do espírito e da transcendência, o tema cultural é um dos mais aprofundados, podem se identificar diferentes etapas ao longo da trajetória de Novamerica. A forte referência à Igreja Católica da primeira etapa permanece na etapa seguinte, incorporando variados e novos caminhos, ancorados nos ensinamentos de Medellín e Puebla. Posteriormente, o interesse se centra nas novas facetas enriquecidas pelo contato multicultural da realidade latino-americana, destacando, já na última etapa, a espiritualidade como conceito-chave.

O tema do espírito e da transcendência tem estado muito presente em Novamerica nos cem números de sua já longa história. Esta presença é conseqüência lógica do foco de interesse da revista que, em sua apresentação inicial, define-se como: *"criar, servir ao homem em suas verdadeiras necessidades"* e fazê-lo a partir do contexto americano.[1]

Por um lado, a antropologia subjacente à revista considera que a dimensão transcendente é inerente ao ser humano e se expressa através de numerosas e variadas formas culturais, conforme os contextos. Por outro lado, precisamente os povos e culturas da América caracterizam-se por um forte senso do religioso. Mesmo as culturas urbanas modernas, muito mais permeáveis à secularização, criaram maneiras novas de referir-se ao transcendente, inclusive sob a forma de ausência ou de busca, que devem ser esmiuçadas para que revelem o seu sentido mais profundo.

A poesia espiritual de Violeta Stowäs a que também aludimos no artigo sobre a arte, abre o tema no primeiro número com a contundência de sua estética literária que sabe evocar muito mais do que diz. *"Estrecho cauce"*[2] refere-se ao caráter limitado das palavras para expressar o mistério, e *"Madura lumbre"*[3] revela a presença divina na densidade do real.

UMA IGREJA COM ROSTO PRÓPRIO

Na primeira etapa da revista, que poderíamos chamar de seu período formativo, pois nele vai se configurando a sua identidade e definindo o seu perfil, predominam as referências à Igreja Católica. Nota-se a matriz católica de autores e leitores. Os temas tratados, sempre referentes ao compromisso com a sociedade, espelham a consciência de quem busca, a partir das motivações da fé cristã, um compromisso cada vez mais exigente com a realidade sócio-política e cultural de seus povos. Em etapas posteriores, e sem que desapareçam as referências à Igreja Católica latino-americana, o enfoque torna-se mais amplo e plural.

Após um pórtico constituído de artigos do teólogo espanhol Felipe Fernández Ramos sobre as exigências morais do cristianismo em geral, publicados nos números 2 e 3, a atenção concentra-se na Igreja da América Latina, que se preparava para viver o acontecimento de Puebla.

O editorial do n.º 5, de julho de 1978, evoca os 10 anos transcorridos desde a reunião do Episcopado Latino-americano em Medellín, e apresenta a intenção do número: valorizar o significado desses anos e a perspectiva que se abre diante da próxima reunião em Puebla. Uma citação das próprias conclusões de Medellín sintetiza o que esse evento havia significado para a vida da Igreja no continente: *"Esta não deixa de ser a hora da palavra, mas se tornou, com urgência dramática, a hora da ação."* E essa ação, continua o editorial, refletiu-se em que *"já são incontáveis os membros da igreja – leigos, sacerdotes e bispos - que tiveram de sofrer e inclusive morrer pela causa da justiça"*. Além de reconhecer Medellín como fonte inspiradora desses testemunhos tão eloqüentes, valoriza-se a Conferência como primeiro passo *"oficial"* para o desenvolvimento da teologia da libertação. Esta é apresentada, com palavras do teólogo brasileiro J. B. Libânio, como *"uma teologia que nasce da práxis, volta-se para a práxis, deixa-se criticar pela práxis e se elabora na práxis"*.

> ***"Trata-se de fazer justiça, sim, mas a partir da fé; trata-se de educar a fé, sim, mas de tal forma que se projete na realização da justiça".***

O número tem uma sessão intitulada *"Ecos de Medellín"* que inclui uma pesquisa realizada por Novamerica entre personalidades de importância eclesial de diferentes países americanos e várias experiências pastorais inspiradas no espírito de Medellín.

O n.º 8, que tem como título Em torno a Puebla, é totalmente dedicado a reflexões sobre os grandes temas abordados na 3ª Conferência do Episcopado latino-americano. *"Puebla: as perguntas do homem da rua"* alude agilmente às coletivas de imprensa realizadas durante o evento, em que a diretora da revista esteve presente. Os artigos de fundo encaram temáticas muito significativas em suas Conclusões: teologia política, jovens, educação e evangelização, justiça, direitos humanos e evangelização.

Pode dizer-se que, nesses poucos artigos e em alguns publicados nos números seguintes, explicitam-se as bases da revista e seus focos de interesse: as inúmeras inter-relações de fé, religião, cristianismo, evangelização, culturas, mulher, juventude, compromisso sócio-político, libertação, direitos humanos, justiça, opção pelos pobres, educação... É interessante ver como estas linhas de pensamento evoluem e se enriquecem em épocas posteriores, mas mantendo-se sempre em continuidade com esses fundamentos básicos. Quem desejar rastrear a matriz básica encontrará em Medellín e Puebla a inspiração fundadora de Novamerica.

"A teologia política latino-americana", extenso artigo de Alfonso Garcia Rubio expõe sinteticamente o processo histórico de surgimento da teologia da libertação e examina as suas principais características com uma visão analítica, contextualizada e, ao mesmo tempo, crítica. Muito esclarecedora para os leitores da época, esta apresentação relaciona os teólogos da libertação com a práxis social de cristãos que, já na década de 1930, haviam compreendido o potencial revolucionário da Igreja na América, e com o que considera as funções básicas desta teologia: libertar o cristão de atavismos ideológicos próprios de outras épocas e contextos, e prestar um serviço de discernimento ao cristão comprometido com a práxis libertadora. O artigo de García Rubio assinalava também o que considerava como seus limites: a necessidade de um maior aprofundamento antropológico para não cair em



reducionismos tais como a absoluta politização da existência humana ou a restrição da libertação do homem à práxis revolucionária, e também a necessidade de dar mais atenção aos fundamentos bíblicos para evitar uma transposição mecânica dos acontecimentos do mundo bíblico para a práxis atual.[4]

Ao traçar o percurso da educação libertadora – expressão de Medellín – à educação evangelizadora – expressão de Puebla -, *"Educação e evangelização"*, de Vera Maria Candau, explicita a evolução da consciência eclesial latino-americana a respeito da inter-relação de libertação integral, evangelização e educação. Sua clareza e poder de síntese fazem do texto um verdadeiro programa de ação para a educação cristã no contexto da América Latina. O artigo também se refere à articulação entre educação e opção preferencial pelos pobres, incorporando os três níveis de compromisso com esta opção a que Boff alude - conversão de interesses, alternância e encarnação em realidades de pobreza -, reflexão que foi de grande utilidade para orientar a opção pelos pobres. O tema educacional é novamente abordado em *"Educar para a justiça nos documentos de Puebla"*, de Ricardo Antoncich, incluído no n.º 11, Educar para a justiça. *"Trata-se de fazer justiça, sim, mas a partir da fé; trata-se de educar a fé, sim, mas de tal forma que se projete na realização da justiça"*.

"A cultura sob a ótica de Puebla", artigo de Sara López Escalona publicado no n.º 12, dedicado a Culturas na América Latina, é outro texto esclarecedor de conceitos básicos para a linha da revista. O tema cultural será um dos mais aprofundados ao longo de sua trajetória. O artigo parte do conceito amplo de cultura assumido por Puebla e insiste no que chama de *"articulação antropológica da cultura"*, que deve ser sempre o ser humano como sujeito, objeto e término, assinalando que o essencial de uma cultura é dado pela vinculação que estabelece entre o ser humano e o âmbito religioso, já que daí derivarão as razões mais profundas para se viver e morrer. Conclui com a relação que Puebla estabelece entre culturas e evangelização: a partir do reconhecimento da legítima autonomia do secular, o Evangelho é chamado a encarnar-se em todas as culturas para cumprir, de dentro delas, um papel renovador e transformador, lançar um chamado a uma conversão pessoal e comunitária para uma nova sociedade.

Este tema prosseguirá em Respeitar nossas culturas, n.º 7 da segunda época da revista. Em *"Inculturação: um novo modismo?"* a autora aprofunda o conceito de evangelização inculturada e o que isto implica em termos de kenose para a cultura a partir da qual se anuncia o Evangelho, para que este possa encarnar-se na cultura que está sendo evangelizada e ali se desenvolver com as características próprias desta.[5] Víctor Codina se pergunta: *"E se a América tivesse sido evangelizada por missionários orientais?"*, ressaltando a afinidade entre a sensibilidade da Igreja do Oriente e as culturas americanas. Uma experiência missionária entre os bari da Venezuela ilustra , a partir da práxis, as atitudes preconizadas nos artigos citados acima.

Finalmente, o n.º 24, último desta etapa, dedicado à mulher, inclui um artigo sobre a mulher teóloga nas comunidades de base, introduzindo mais dois temas na linha de Puebla, CEBs e mulher, que serão recorrentes como centros de interesse da revista.[6]

PELOS CAMINHOS DE PUEBLA, UM LONGO PERCURSO

Em sua segunda etapa, Novamerica se dedicará a aventurar-se com coragem e criatividade pelos amplos e variados caminhos abertos pela reflexão de Puebla. A revista se en-

riquecerá com contribuições provenientes de numerosos campos. Teólogos da libertação, educadores, agentes de pastoral popular e jovens compartilharão espaços da revista com antropólogos, sociólogos, historiadores, comunidades eclesiais de base, organizações sociais, grupos de indígenas e afro-americanos. Não faltam testemunhos de e sobre mártires que continuam regando com seu sangue o solo do continente, dando testemunho de sua fé e buscando a justiça: Mons. Angelleli, Mons. Romero, Ellacuria e seus companheiros/as e outros.

Seria impossível espelhar aqui toda a riqueza que emana de suas páginas. Estamos diante de um pensamento rico e fecundo que vai sendo elaborado à medida que se caminha. Cada número acrescenta um novo matiz, incorpora uma nova voz, amplia um horizonte ou aprofunda um enfoque. As experiências de vida enriquecem a reflexão, e esta ilumina a práxis para abrir-lhe caminhos novos. A exploração das culturas da América permite que se descubram progressivamente novas manifestações do Espírito. O compromisso sócio-político abre novas perspectivas para a vivência da fé. A religiosidade popular mostra facetas evangélicas insuspeitadas e as culturas dos povos originários são descobertas como fonte inesgotável de riqueza espiritual.

Apenas como amostra de temas centrais que aglutinam muitos outros ao seu redor, mencionaremos aqui alguns números ou conjuntos de artigos em torno de um tema.

A voz dos teólogos da libertação é registrada em várias ocasiões ao longo das temáticas tratadas, embora não haja nenhum número dedicado exclusivamente a esta corrente.

No n.º 1 da segunda época, vários anos depois de Puebla, Ronaldo Muñoz analisa o que aconteceu a uma Igreja que se aventurou na opção pelos pobres. A Igreja aproximou-se do mundo dos pobres e, ao mesmo tempo, estes fizeram sua irrupção dentro da Igreja e a enriqueceram com sua religiosidade popular. A Igreja começou a sentir em si mesma as conseqüências da sua opção: ser desprezada, difamada e perseguida pelos centros de poder. Isto a levou a ser companheira de caminhada do movimento popular nas lutas pela justiça, e a partir daí começou a ser redescoberta por muitos *"ateus"*. Uma *"experiência espiritual fundamental"* está acontecendo entre as massas pobres do continente, onde a ação transformadora do Espírito de Jesus Cristo é reconhecida.

Nesta mesma linha, Segundo Galilea reconhece o surgimento de uma espiritualidade própria às Igrejas locais da América Latina, não no sentido de escola de espiritualidade, e sim de uma experiência global compartilhada.[7]

Em outro artigo, Galilea reconhece que, em muitos países da América Latina, as opções eclesiais levaram a Igreja *"a um progressivo afastamento de alianças (sempre sutis) com os Estados, e a um esforço decisivo para consolidar sua aliança pastoral com o povo"*.[8]

Gustavo Gutiérrez fala longamente sobre a teologia da libertação em duas entrevistas, uma das quais tem um título muito eloqüente: "*Como falar de Deus na América Latina*", publicada no n.º 6 de junho de 1986.



Foto João Ripper

A experiência das comunidades eclesiais de base é abordada sob diferentes ângulos: como espaço de participação popular, como força promotora de integração latino-americana e como geradora dessa espiritualidade de cunho latino-americano mencionada acima. Surge também como expoente da Igreja

dos pobres.[9]

O número 69, Deus dos povos, de março de 1996, pode ser considerado um marco que assinala um novo horizonte no tratamento do tema religioso. Está em continuidade com a linha fundadora de Puebla, mas se percebe um campo de visão ampliado que já caracterizará a terceira etapa da revista.

"Que os nossos povos nos deixem ver suas raízes. Que suas vozes diversas nos narrem a sua experiência de Deus. (...) o seu encontro ininterrupto com o Amigo-Companheiro de caminhada, Senhor da história. (...) Somos convidados a aprofundar a cosmovisão de nossas culturas, desvendando seu profundo significado." (Carmela Zumarán, Editorial).

A busca de uma evangelização inculturada desemboca aqui na valorização do rosto de Deus que se descobre ao entrar em contato com as diversas culturas do continente. O interesse se concentra nas novas facetas com que a própria tradição religiosa pode ser enriquecida através do contato multicultural.

Em *"Deus no coração da Ameríndia"*, Elisa Estévez alude ao caminho percorrido pela reflexão teológica e a práxis da Igreja latino-americana: partindo de Medellín e Puebla, tendo a teologia da libertação como matriz geradora, foram sendo reconhecidos outros lugares teológicos: as culturas indígenas e afro-americanas, a mulher e o ecumenismo. Este percurso leva a autora a referir-se ao Deus dos empobrecidos, ao rosto mestiço, índio e negro de Deus, ao rosto feminino de Deus, seu rosto ecumênico, e a chamá-lo finalmente pelo nome vasto e envolvente de Deus da vida.

Em *"Deus dos Povos"*, Diego Irarrazaval penetra profundamente na religiosidade popular latino-americana. Sem idealizá-la e reconhecendo-a como necessitada de discernimento e purificação, como toda realidade humana, afirma: *"embora muitas vezes reconheçamos sua fé, raramente dizemos que o povo é uma comunidade teológica"*. Outros artigos apresentam festas e ritos desta religiosidade. Nesta linha, merece especial atenção o texto *"Religião Aymara"*, do antropólogo Hans van den Berg, que revela um conhecimento científico profundo e, ao mesmo tempo, uma respeitosa empatia em relação à cosmovisão profundamente religiosa desse povo.

As contribuições baseadas em experiências de vida continuam alimentando a reflexão e assegurando sua vitalidade.

Por fim, já no final da 2ª época da revista, em maio de 1997, um artigo de Luiz Roberto Benedetti formula como pergunta a questão do lugar da religião na sociedade pós-moderna. Novo artigo chave como enfoque de futuras abordagens da revista sobre o tema. O sujeito aqui não é a Igreja Católica, nem sequer cristianismo, mas o fenômeno religioso em sentido amplo. Evitando fundamentalismos, por um lado, e privatização excessiva, por outro, considera o ecumenismo e a tolerância como premissas para o pluralismo religioso próprio das sociedades atuais e conclui:

"Para que a religião se insira de forma significativa no conjunto da vida social e atue sobre ela, é necessário que haja não apenas um nível elevado de religiosidade individual, mas também uma tradução deste em ações públicas. Pretender uma teologia apolítica seria aceitar a insignificância do social da religião, confinando-a onde a burguesia a colocou: na esfera privada."

ESPIRITUALIDADE, RELIGIÕES E IGREJAS NA VIRADA DO MILÊNIO

A terceira época da revista revela claramente a nova abordagem que já se insinuava nos últimos números da etapa anterior. Fidelidade aos caminhos anteriormente traçados, novos horizontes e desafios, novas problemáticas. Os grandes da teologia latino-americana continuam presentes em suas páginas e proporcionando-lhe precisamente a novidade e a coragem de um pensamento que não estagnou, mas se aprofundou e renovou com os anos e a experiência. Ao seu lado publicam-se também contribuições de teólogas/os jovens e de cientistas sociais interessados na questão religiosa na sociedade. As contribuições baseadas em experiências de vida continuam alimentando a reflexão e assegurando sua vitalidade. A revista mantém seus/suas leitores/as informados/as e interpelados/as pelo fermento de um pensamento/práxis que, nesta etapa de globalização neoliberal, procura ajudar a semear e construir uma globalização alternativa na qual o fenômeno religioso tem seu lugar em um vasto cenário de ecumenismo e pluralismo religioso.

Poderíamos dizer que, nesta nova etapa, o conceito chave, por ser o mais amplo e includente, é espiritualidade. Esta pode ser definida de diversas maneiras, mas todas apontam para uma intuição comum: o ser humano transcende-se a si mesmo.

"Homem-espírito - momento da consciência através do qual o ser humano sente-se parte de um todo, define o seu lugar no conjunto dos seres, busca um sentido derradeiro para a sua trajetória, indaga sobre o mundo que se esconde por trás

deste mundo e lança a pergunta a respeito da Fonte originária de onde provêm todos os seres: Deus" (Leonardo Boff)[10]

A espiritualidade assim entendida aparece na revista como um aspecto a ser considerado ao abordar-se as mais diversas questões relativas ao humano: qualidade de vida, ecologia, paz mundial, dívida externa, etc.

Em dezembro de 2000, um número monográfico é dedicado precisamente à Espiritualidade. Aqui o foco é a espiritualidade em si e sua relação com as religiões em geral e com a cristã em particular. O Editorial apresenta uma breve síntese da enorme riqueza desse número, que poderia ser considerado dos melhores da revista nesta linha devido à profundidade dos artigos, a amplidão de enfoques e a atualidade das colocações.

"*A espiritualidade não se reduz à adesão a uma determinada confissão de fé. Até pode expressar-se em uma confissão particular, mas é, antes de tudo, algo que configura a totalidade da vida. (...) é um modo de ser, de viver, de valorizar, de sentir, de amar, de sonhar. Por isto é difícil falar de espiritualidade no singular*".

Na entrevista, Ana Maria Tepedino, teóloga e colaboradora de Novamerica, define a espiritualidade como uma experiência de amor, de interioridade, mas que desemboca no compromisso ético e político como forma concreta de expressar esse amor.[11]

"A espiritualidade (...) é, antes de tudo, algo que configura a totalidade da vida. (...) é um modo de ser, de viver, de valorizar, de sentir, de amar, de sonhar.

A espiritualidade cristã na América Latina, que se reconhece viva e em boa saúde, é abordada sob diversas perspectivas em sucessivos artigos. Consuelo Vélez dá notícia da situação da teologia da libertação no momento presente ao sintetizar o trabalho no Congresso da SOTER, organizado no Brasil. A teologia da libertação não está em crise, por mais que alguns de seus teólogos possam estar. Aprofundou na fé como fonte e fundamento de toda teologia e reafirmou-se na opção pelos pobres como caminho de seguimento de Jesus. Abriu-se a perspectivas novas: teologia de gênero, teologias indígena e afro-americana, abertura ao diálogo com outras religiões, diálogo com a cultura emergente pós-moderna, abertura a uma consciência ecológica.[12] José Maria Vigil frisa que todas estas perspectivas estão apontando para a necessidade de uma mudança de paradigma; não se trata apenas de dialogar com outras religiões, mas de reformular e reinterpretar a cosmovisão, a espiritualidade e a práxis do cristianismo a partir de uma visão más ampla; conclui que a teologia e a espiritualidade latino-americanas são obrigadas a dar sua contribuição a esta tarefa da Igreja universal.[13]

O artigo sobre "*A força espiritual dos índios*" oferece a contribuição da experiência religiosa dos povos indígenas da América "*para superar a crise do nosso tempo e construir possibilidades de vida para o futuro*". Outro artigo explora a relação entre mulher, corpo e espiritualidade a partir do testemunho de mulheres que falam de uma espiritualidade in-corporada, comprometida e contextualizada. G. Kerber escreve do Uruguai, o país mais leigo da América, onde também se percebe uma maior vivência do religioso não precisamente vinculado às



Foto João Ripper

Igrejas históricas. O autor preconiza o reconhecimento da diversidade das linguagens religiosas e o adoção da perspectiva ética como critério e ponto de encontro para as tradições religiosas. Brenda Carrranza refere-se às novas ofertas religiosas na Internet, que oscilam entre o pluralismo e o fundamentalismo.

Este vasto enfoque da espiritualidade complementa-se com o número dedicado ao Pluralismo religioso, de março de 2002. O editorial apresenta claramente a intenção do número. As sociedades multiculturais são necessariamente pluri-religiosas. O fundamentalismo religioso surgiu no cenário mundial como uma das grandes ameaças à paz mundial. É imperioso afirmar uma cultura de diálogo e respeito às diferentes manifestações de transcendência e espiritualidade.

Na seção Entrevista, Cecilia Mariz analisa as correntes da religiosidade que surgiram como reação à modernidade: uma mais privatizadora, que se opõe às grandes tradições religiosas do Ocidente sem reivindicar nem universalidade nem espaço público para o religioso, e outra, formada dos fundamentalismos, que tem como projeto restaurar o antigo poder da sua tradição religiosa e re-sacralizar a sociedade.[14]

Na seção Em Debate, Consuelo Vélez e Brenda Carranza respondem à pergunta de se toda religião tem um componente fundamentalista. Não necessariamente, diz Brenda Carranza, como se constatou nas religiões afro-brasileiras que não têm princípios universais, ética religiosa e livro considerado revelado, elementos estes que fazem com que uma religião seja mais propensa a tornar-se fundamentalista. Toda religião tem um "*fundamento*" irrenunciável que a constitui como tal, diz Consuelo Vélez, aplicando o caso especialmente à Igreja Católica; esse fundamento transforma-se em fundamentalismo quando só admite uma expressão e formulação de suas verdades, mas se torna possibilidade de diálogo quando é consciente de que deve abrir-se a novas possibilidades e desafios.[15]

Juan Luis Martín propõe os caminhos do diálogo inter-religioso: diálogo da vida, das obras, de troca teológica e de experiência religiosa.[16] Na contracapa, Marcelo Barros fecha o número com "*O Deus Uno e seus múltiplos caminhos*". Cita os Bispos da Ásia: "*O fundamento do diálogo entre as religiões é a certeza da universalidade do amor de Deus*". E continua:

"*O diálogo intercultural e inter-religioso é uma exigência da própria mística. (...) Só a mística fornece às diferentes religiões um idioma comum para a compreensão mútua e a colaboração a serviço da paz, da justiça e da defesa do universo*".[17]

Ao chegar ao final desta revisão, podemos constatar como tem sido rica e fecunda a reflexão elaborada e compartilhada pelo cordial entrelaçamento de colaboradores/as e leitores/as da revista durante todo este tempo. Com um ouvido no Deus dos povos e outro nos povos de Deus desta América - para parafrasear Mons. Angelleli -, aquele "*maduro lume*" que iluminou o início tornou-se hoje linguagem de mística universal e cósmica que continua alimentando a espiritualidade cotidiana e impelindo a novos compromissos. ●

> *Eu ressaltaria, entre tanta coisa importante nestes quase trinta anos desde que surgiu a Revista Novamerica, o aparecimento, na última década e fortalecido nesta, do movimento por "um outro mundo possível", aquele que começou há dez anos, com "o grito de Chiapas" dos zapatistas, passou pelas manifestações de Seattle contra a OMC e se cristalizou nos Fóruns Sociais Mundiais de Porto Alegre. A campanha contra a guerra no ano passado revelou a verdadeira dimensão dessa luta por "um mundo em que caibam todos os mundos", que devolveu a esperança para os que lutam por um mundo humano e solidário.*
>
> *Emir Sader, colaborador, Brasil*

1 N.º 1, outubro de 1976, p.5
2 "Las palabras/ son cauce estrecho/ para el alma. (...) Las palabras son torpes/ para decir Dios;/ no saben decìr/ Dios cercano y distante,/ Dios desconocido e íntimo,/ Dios que ciega,/ que ilumina,/ que despoja,/ que invade." (...)N.º 1, p. 80-81
3 "Cada cosa entrega, oh Dios, tu signo,/ y en el hombre / tu nombre/ es una enarbolada llama." N.º 2, março de 1977, p.98
4 N.º 8, julho de 1979. 25 ss
5 Candau, Vera Maria "Inculturaçao: um novo modismo?" no n.º. 7, set.1986, p.16
6 Tepedino, Ana e Luchetti Maria Clara. "A mulher teóloga hoje" no n.º 24, dic. 1984, p.15
7 Muñoz, Ronaldo. "A los profesionales. Llamado del Espíritu desde los pobres", no n.º 1, 2ª.época, abril de 1985, p.17. e Galilea, Segundo, "Un teólogo frente a la realidad", idem, 29.
8 Galilea, S. "O povo e o Estado, Cruz Pastoral", no n.º 10 Nuevos espacios de Participación, jun. de 1987, p. 13.
9 N.º 10, e n.º 50 Integração latino-americana..., jun. 91.
10 Boff, Leonardo "Desenvolvimento sustentável ou sociedade sustentável?", no n.º 83, Tierra, Ecología, Economía. Set. 1999, p.20
11 Entrevista a Ana Ma. Tepedino, no n.º 88, Espiritualidade, 1998, p.16
12 Velez, Consuelo. ".Balanço da teologia da libertaçao". No n.º 88, p. 26
13 Vigil, José Maria. "Teología y espiritualidad hoy en América Latina", no n.º 88, p. 30
14 Mariz, Cecilia. "Las cuestiones religiosas y el mundo actual", no n.º 93, p. 5 ss
15 Idem, p. 43-51
16 Martín, Juan Luis. "El diálogo interreligioso", no n.º 93, p. 53 ss
17 Barros Marcelo. "El Dios Uno y sus múltiples caminos: el diálogo entre las religiones, un camino de búsqueda espiritual", idem. Contracapa.

Ética,

desenvolvimento

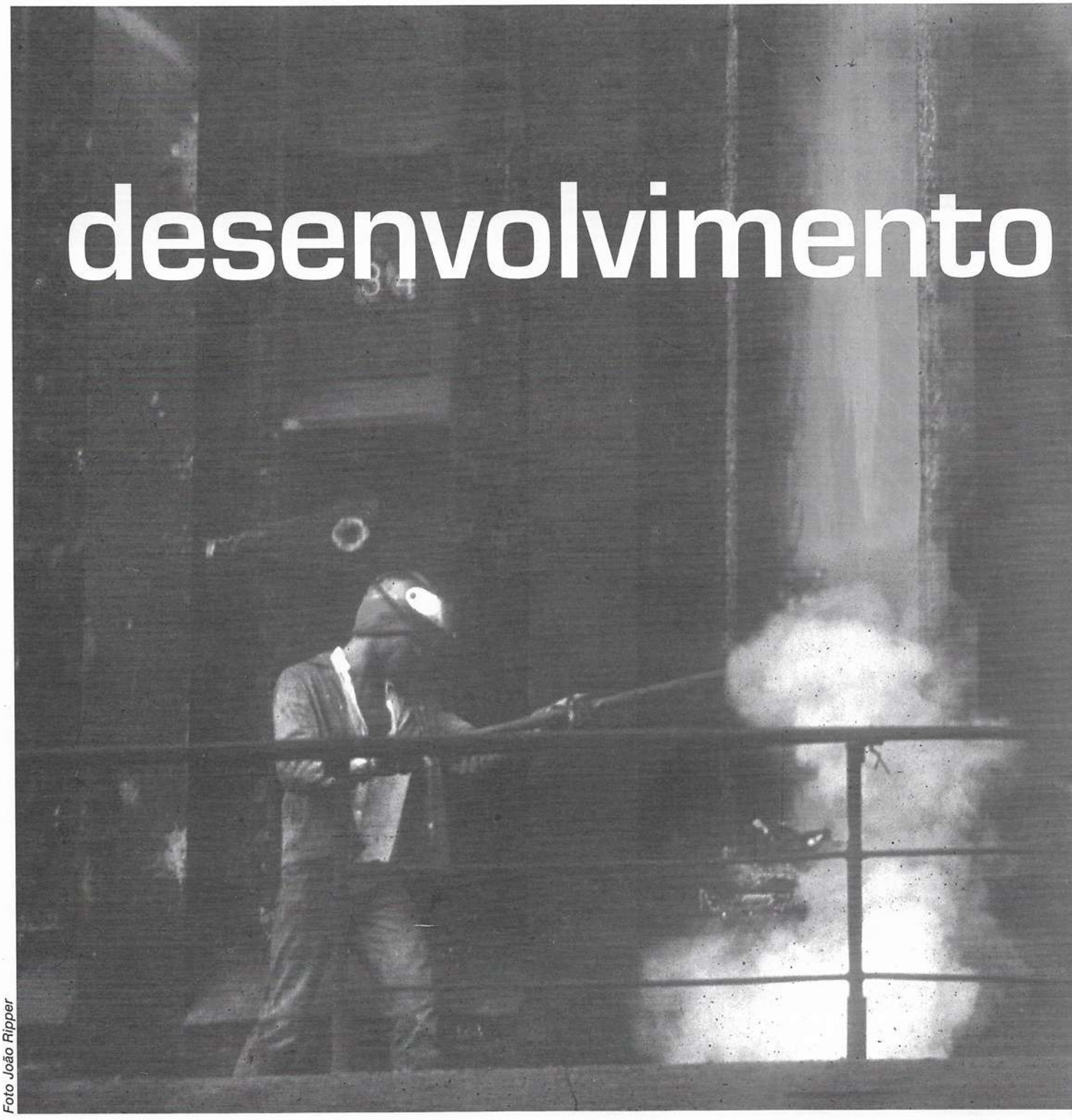


Foto João Ripper

globalização econômica e humano

María Inés Wuth
Chile

A reflexão ética surge ao longo de mais de 25 anos do olhar da Revista sobre o continente, que vai vivendo o desenvolvimento do capitalismo mundial. Esse olhar crítico se aprofunda na última década, marcada pelo complexo fenômeno da globalização econômica e pelas contradições do sistema de livre mercado proposto pelo neoliberalismo, que afeta todas as áreas da vida social, no sentido ético, na vida política e na(s) cultura(s) dos povos. A preocupação central se fundamenta na chamada "causa do homem excluído" e afirma-se que somente se pode ser pessoa em solidariedade.

A Revista Novamerica tem como objetivo colaborar com a construção de uma sociedade mais justa, fraterna e democrática, propiciar elementos para uma reflexão crítica sobre as problemáticas latino-americanas e também apoiar os movimentos sociais que fortalecem a sociedade civil, promovendo os direitos humanos e a afirmação das diferentes identidades presentes no Continente. Portanto, os objetivos da Revista contribuem para que a grande maioria dos seus artigos seja atravessada e orientada pelo tema ético a partir principalmente dos direitos humanos.

Fazer uma reflexão ética sobre o que acontece na realidade social dos países do continente hoje em dia significou assumir uma dupla função crítica e utópica diante da realidade social, quer dizer, significou não evitar o tema do que de justo e de injusto acontece na realidade do continente, não evitar o julgamento sobre essas realidades, identificando o desenvolvimento do proces-

so de humanização ou de desumanização dos povos do continente.

Significou, portanto, interpelar o sentido último da sociedade humana, perguntar-se aonde vamos, ajudar a olhar o horizonte, revelar os significados e as finalidades das decisões livres e responsáveis que construíram e constróem a realidade social nos planos individual e coletivo, institucional e estrutural.

Portanto, ao aproximar-se da realidade social latino-americana, foi impossível não enfrentar o fenômeno ético, que permitiu que se interpretasse o viver humano e revelasse as metas subjacentes que, de certa maneira, estão orientando o processo de humanização no continente. O tema se desenvolve em duas partes: a primeira descreve como a Revista apresenta o fenômeno da globalização econômica; a segunda, sob um ângulo antropológico ético, mostra por onde se percebem os obstáculos e o caminho do desenvolvimento humano no Continente a partir dos efeitos da globalização econômica.

GLOBALIZAÇÃO ECONÔMICA

Assim sendo, a reflexão ética surge fundamentalmente ao aprofundar-se a realidade dos países, marcada pelo complexo fenômeno da globalização econômica e pelas profundas contradições do sistema econômico de livre mercado proposto pelo neoliberalismo capitalista que afeta todas as áreas da vida social, o senso ético, a vida política, a(s) cultura(s) dos povos. O tema aparece em artigos cujo objetivo é a reflexão ética sobre determinadas fatos ou realidades dos diferentes países, e em artigos cujo objetivo é mostrar experiências alternativas que assinalam caminhos de humanização em diferentes espaços da vida social. São mais de 25 anos olhando para o continente, que vai vivendo o desenvolvimento do capitalismo mundial.[1]

As profundas desigualdades internacionais em termos de distribuição de renda acentuam ainda mais a exclusão dos países e setores que não possuem grandes capitais.

A Revista não entende a globalização econômica como um processo integrador e homogêneo que afeta a todos os atores da mesma maneira, mas como algo que se refere ao processo de integração e de exclusão do mesmo processo, que é muito desigual em sua extensão e muito diferenciado em suas conseqüências. O fenômeno da globalização econômica, que hoje é um fato irreversível, invadiu pouco a pouco a vida dos povos do continente. Foi incentivado por uns e rejeitado por outros, que o considerava como causa das grandes desigualdades que marcam a vida dos homens da região.

O capitalismo é sinônimo de desenvolvimento para uma pequena parcela da humanidade, mas implica, ao mesmo tempo, exclusão para a maioria; este caráter excludente mostra-se como inerente ao seu funcionamento em todos os países do continente e se acentua em extensão e profundidade com o passar do tempo. Sem entrar em uma análise do sistema econômico, ressaltamos o desenvolvimento da terceira etapa do capitalismo mundial,[2] cujas conseqüências a Revista aponta. A redução radical do espaço (aldeia global), graças às sucessivas revoluções tecnológicas, com a velocidade de criação e difusão do progresso no transporte, na informação e na comunicação, fundamentalmente, suscita um aumento sem precedentes da produtividade, objetivo chave da economia de livre mercado. A concentração econômica dos grandes países industrializados gera as grandes empresas transnacionais, que assumem uma nova etapa de estrutura produtiva: o sistema de produção integrado, segmentando a produção e especializando empresas para as diversas etapas de elaboração de um produto em diferentes países.[3]

Com este sistema de produção integrado, obtém-se a concentração da produção em escala mundial, uma grande mobilidade de capitais privados e, em menor medida, da mão de obra; os níveis inauditos de produtividade, somados à liberalização do comércio, provocam um grande crescimento econômico nos países industrializados, conjugado a uma forte tendência à homogeneização dos modelos de desenvolvimento.

As profundas desigualdades internacionais em termos de distribuição de renda acentuam ainda mais a exclusão dos países e setores que não possuem grandes capitais para entrar no jogo e vêm crescer cada vez mais a distância entre seus níveis de produtividade e os dos países centrais, caindo, portanto, na marginalidade ou procurando obrigatoriamente a *"ajuda"* das grandes potências para sobreviver.[4]

Estes processos econômicos de caráter mundial evoluem e marcam processos não econômicos - políticos, sociais e culturais - da Região. Na Revista, as reações diante do sistema capitalista, que assegura que juntamente com o crescimento econômico ocorre o desenvolvimento econômico e social dos povos, referem-se essencialmente aos seguintes aspectos: a distribuição da ri-



Foto João Ripper

queza, fraqueza substancial do sistema capitalista; papel da democracia e do Estado[5]; o significado do trabalho do homem[6]; a violência e a violação dos Direitos Humanos[7]; o papel dos meios de comunicação e da educação[8]; a deterioração do meio ambiente[9] – citamos as áreas de questionamentos e propostas mais significativos[10].

DESENVOLVIMENTO HUMANO

Eis o problema de fundo que a Revista enfrenta ao considerar estes efeitos da globalização econômica sob a perspectiva ética: o homem excluído, por um lado, a redução do conceito de pessoa, por outro; em ambos os aspectos: a exclusão e a redução não favorecem um processo de humanização, mas contribuem, ao contrário, para acentuar um processo de dominação e manipulação que conduz a uma desumanização crescente do homem e da sociedade.

A porcentagem dos excluídos, no plano mundial, fala com força crescente das contradições da racionalidade do sistema. Quanto mais desenvolvimento econômico, maior o número de homens e mulheres que não podem aspirar a um desenvolvimento humano, porque ficam fora de todas as possibilidades que o sistema oferece. O desenvolvimento econômico baseado na ética exige justiça distributiva dos recursos socialmente produzidos, para dar reais oportunidades a todos, o que é compatível com a sua dignidade de pessoas. Torna-se cada vez mais evidente que o crescimento econômico não está significando desenvolvimento para todos os povos, e que não favorece o desenvolvimento humano. O desenvolvimento está nas pessoas,[11] não nos objetos. A concepção unilateral do desenvolvimento reduz toda a complexidade e todos os desejos do ser humano à área das necessidades materiais, não

A Revista defende os direitos do homem, como indivíduo e como povo, ao desenvolvimento pleno, principalmente os direitos dos mais excluídos.

abrangendo nem todo o ser humano nem todos os humanos.[12]

Isto exige uma profunda mudança na racionalidade econômica dominante, resistente a políticas redistributivas. Há uma idéia economicista do desenvolvimento. O desenvolvimento econômico é insuficiente, o homem é mais do que suas necessidades econômicas e não vale pelo que tem, e sim pelo que é como pessoa humana. A resistência do modelo neoliberal a assumir uma concepção mais integral da pessoa torna-o incapaz de reconhecer sua persistência na violação dos direitos da pessoa.[13]

Reduz-se o homem trabalhador a mais uma peça do sistema tecnológico e produtivo. Mais do que trabalhador, é *"mão-de-obra"*. O homem não é a peça descartável do sistema, é o sujeito. A produção do homem não é só de mercadorias, é também artística e cultural. A qualidade de vida não pode continuar restrita a um grupo seleto de indivíduos, enquanto a maioria vive em condições indignas: sem moradia, sem alimentação adequada, sem educação, sem hospitais, sem assistência médica, etc. É necessário, por um lado, defender e propor a não separação entre emprego e qualidade de vida: emprego que gere qualidade de vida e desenvolvimento humano. Por outro lado, propõe-se a urgente valorização da pessoa do trabalhador com a participação no fruto da produção, nas decisões e na gestão da empresa, como um modo de distribuição da riqueza.

Não bastam a liberdade individual e a iniciativa privada. A penetração dos valores da economia de mercado nas relações sociais traz consigo a concepção de viver na *"sociedade de mercado"*, marcada pelo individualismo, pela competitividade, pela eficiência: é necessário ou ser o mais competitivo ou sair da sociedade. Para isto contribuíram a veloz inovação tecnológica e a racionalidade instrumental que invade todas as concepções da vida humana, inclusive a concepção de si mesmo.[14]



Foto João Ripper

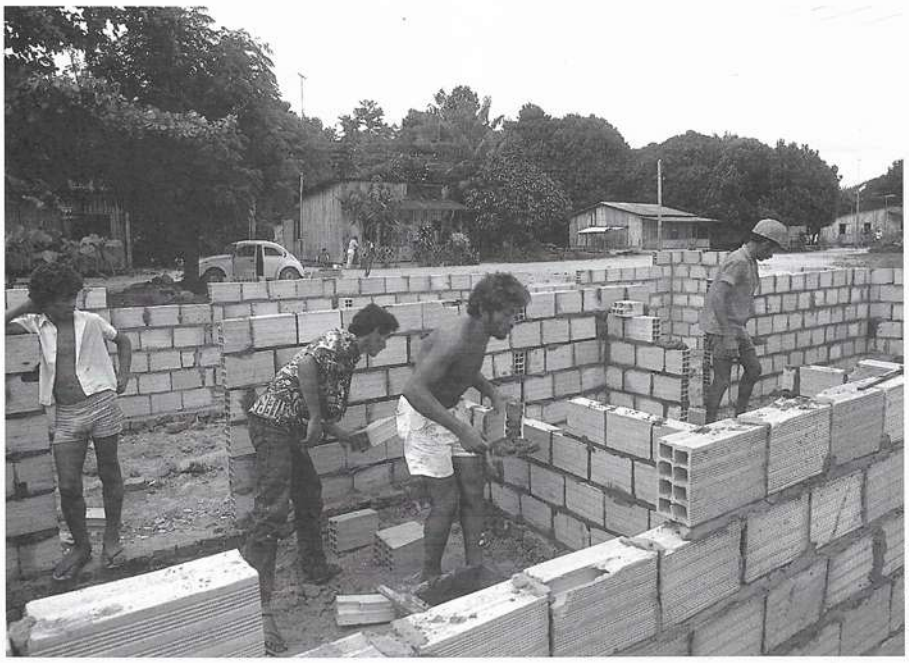


Foto João Ripper

Diante desses reducionismos, afirma-se que só se pode ser pessoa em solidariedade. A solidariedade leva a recuperar a eqüidade como valor diante das situações de pobreza e de indigência inadmissíveis. Une a autonomia à participação comunitária e ao desenvolvimento local, já que o mercado, por si só, não pode garantir que os setores mais pobres tenham atendimento médico, educação, alimentação, moradia.[15]

Promove-se uma cidadania cons-



Fotomontagem sobre fotos de João Ripper